

## **A Cobertura do Cinema no programa "Cartaz" da SIC**

**Vanessa Cristina Pisco Sobreira**

### **Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da Comunicação - Comunicação e Artes**

*Ao meu pai, Jorge Sobreira, o meu maior apoio e exemplo. O meu maior amor.*

## AGRADECIMENTOS

À professora **Dora Santos Silva**, por toda a ajuda e disponibilidade. Por todas as correções e sugestões.

À **SIC**, por me ter recebido tão bem. Em especial à **Cristiana Borges**, à **Liliana Carvalho** e à **Sandra Cadeireiro**, por todas as palavras de carinho, por todo o apoio, toda a ajuda e todos os conselhos.

À equipa do Opinião Pública e da Edição da Tarde, em especial à **Sónia Ricardo**, à **Sérgia Carneiro** e ao **Alberto Jorge**, por tudo o que me ensinaram, por toda a paciência e compreensão e por todo o apoio.

À equipa do Primeiro Jornal, por todas as ajudas, explicações e ensinamentos.

À **Catarina Coutinho**, à **Rita Rogado** e ao **Sérgio Aleluia**, os meus grandes apoios na SIC, os meus "anjos da guarda" e amigos verdadeiros.

À **Isabel Andrade**, por todos os sorrisos, por toda a preocupação, todas as conversas e por todo o carinho que sempre me deu.

Ao **Diogo Amador**, pela amizade, ajuda e conversas.

À **Graça Costa Pereira**, por toda a ajuda, por todos os ensinamentos e pela confiança que depositou em mim e no meu trabalho.

À **editoria de Cultura**, em especial à **Cristiana Reis**, **Iryna Shev** e **Sílvia Lima Rato**, por toda a ajuda, por todas as correções de peças, por tudo o que me ensinaram e por todo o carinho com que sempre me trataram.

Aos **repórteres de imagem**, em especial ao **Edgar** e ao **Euclides**, por todas as dicas e conselhos.

Aos meus **colegas estagiários**, por todas as conversas, pela amizade e ajuda.

À minha família, em especial aos meus **avós Deolinda e Manuel** por moverem mundos para eu poder tirar o mestrado e pelo amor incondicional. E à minha prima **Catarina** por todo o apoio.

Aos meus amigos, em especial à **Cristiana**, **Andreia**, **Carolina**, **Luís**, **Verónica**, **Bruna** e **Pedro**, por compreenderem as ausências e por me apoiarem e ajudarem em todas as etapas.

# **A COBERTURA DO CINEMA NO PROGRAMA "CARTAZ" DA SIC**

**[Cinema Coverage in the Program "Cartaz" by SIC]**

**VANESSA CRISTINA PISCO SOBREIRA**

## **RESUMO**

O presente relatório de estágio tem como objetivo analisar a cobertura jornalística do cinema no programa "Cartaz" da SIC. O jornalismo de cinema, visto como um subgênero do jornalismo cultural, é feito a pensar na atualidade e aborda todas as questões relacionadas com o cinema. Pode ser visto como o meio para ligar o público e a sétima arte.

Para tentar descobrir de que forma é feita esta cobertura, utiliza-se uma metodologia mista, que resulta de uma análise de três meses (fevereiro a abril de 2019) de programas. No total observaram-se 308 peças jornalísticas e concluiu-se que, destas, 20% eram de cinema. A fatia maior, é atribuída à música com 48%, no entanto, compreende-se que o canal tem um programa dedicado exclusivamente ao cinema, o "Cartaz Cinema" e, por isso, no "Cartaz" dá prioridade à música. Contudo, o cinema é a segunda área mais abordada, tendo direito a peças sobre estreias de filmes, divulgação de *trailers* e entregas de prémios e festivais de cinema. Na sua maioria, as peças são sobre filmes americanos, embora haja bastante empenho em abordar os filmes nacionais.

Concluiu-se que a cobertura de cinema no "Cartaz" é bastante satisfatória, comparando com outras áreas culturais, como a Dança, com 2%, as Artes Visuais, com 4%, ou Exposições, com 4%.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Cultural; Jornalismo de Cinema; Cinema; SIC

## **ABSTRACT**

This internship report aims to analyze the journalistic coverage of cinema in the program "Cartaz" of SIC. Film journalism, seen as a subgenre of cultural journalism, is designed thinking about the present and addresses all issues related to the cinema. It can be seen as the means to connect the public and the seventh art.

To find out how it is done this coverage, it uses a mixed methodology, which results from an analysis of three months (February-April 2019) programs. In total 308 journalistic pieces were observed and it was concluded that, of these, 20% were of cinema. The largest share is attributed to music with 48%, however, it is understood that the channel has a program dedicated exclusively to cinema, the "Cartaz Cinema" and, therefore, in the "Cartaz" gives priority to music. However, the cinema is the second most approached area, being entitled to pieces about film premieres, promotion of trailers and awards and film festivals. Most of the plays are about American films, although there is a lot of commitment to addressing national films.

It was concluded that the cinema coverage in "Cartaz" is quite satisfactory, comparing with other cultural areas, such as Dance, with 2%, Visual Arts, with 4%, or Exhibitions, with 4%.

**KEYWORDS:** Cultural Journalism; Film journalism; Cinema; SIC

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I: ESTÁGIO .....	3
1. HISTÓRIA DA SIC .....	3
1.1 A SIC NOTÍCIAS.....	4
1.2 O "CARTAZ".....	5
2. DIÁRIO DE UMA PRINCIPIANTE .....	7
CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA.....	18
1.1 CULTURA.....	18
1.2. O JORNALISMO.....	22
1.3. O JORNALISMO CULTURAL.....	24
1.4. GÊNEROS DO JORNALISMO CULTURAL.....	27
2. O CINEMA .....	28
2.1. O JORNALISMO DE CINEMA .....	29
2.1.1. A HISTÓRIA DO JORNALISMO DE CINEMA.....	30
3. TENDÊNCIAS DO JORNALISMO DE CINEMA.....	33
3.1. O CINEMA NA IMPRENSA.....	33
3.2. O MONOPÓLIO DA AGENDA.....	33
3.3. A ERA DO DIGITAL .....	35
CAPÍTULO III: INVESTIGAÇÃO E ABORDAGEM METODOLÓGICA....	37
1. OBJETIVO E PERTINÊNCIA DO TEMA .....	37
1.1. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	37
2. METODOLOGIA .....	38
2.1.CORPU.....	38
2.2. VARIÁVEIS DE ANÁLISE.....	38
2.3. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	40
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....	41
1. PERFIL DO "CARTAZ" .....	41
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
LISTA DE TABELAS.....	57

LISTA DE GRÁFICOS.....	58
ANEXO A: LISTA DE PEÇAS.....	59
ANEXO B: ENTREVISTAS.....	61
ENTREVISTA A GRAÇA COSTA PEREIRA.....	61
ENTREVISTA IRYNA SHEV.....	68





## INTRODUÇÃO

*“I became a journalist to come as close as possible to the heart of the world.”*

— Henry Luce

É na tentativa de perceber como é feita a cobertura do cinema no programa "Cartaz" que surge este relatório. Durante o período de estágio onde se integrou a equipa da editoria de Cultura, foram feitas várias peças sobre cinema e, também, outras áreas culturais. Desta forma foi-se percebendo como funciona uma redação de um canal televisivo e o que é, de facto, o trabalho de um jornalista.

Assim, pretende-se concluir qual o valor que é dado ao cinema, se tem o mesmo destaque que outras áreas culturais, se é privilegiado em relação a elas, que tipo de abordagem é feita nas peças de cinema, se é dada preferência ao internacional ou ao nacional, partindo da pergunta: Como é feita a cobertura jornalística do cinema no programa "Cartaz" da SIC Notícias?

Para tal, depois de se falar um pouco sobre o estágio e a história da SIC no primeiro capítulo, é feita, no capítulo II, uma revisão de literatura. Começa-se por abordar alguns conceitos-chave, como o de cultura, jornalismo, cinema, jornalismo cultural e jornalismo de cinema, tarefa um pouco desafiante, pois a literatura e investigação sobre jornalismo de cinema é escassa. É, ainda, brevemente abordada a história do cinema e do jornalismo de cinema. Depois, fala-se das tendências deste tipo de jornalismo, como o estado atual do jornalismo de cinema, a influência da agenda e o impacto da era digital neste tipo de jornalismo.

No capítulo III, parte-se para a investigação e análise de dados recolhidos. De forma a tentar responder à pergunta referida anteriormente, optou-se por uma metodologia mista constituída por uma análise de conteúdo (quantitativa), entrevistas semiestruturadas que foram complementadas pela observação durante o período de estágio. Com esta metodologia, procurou-se responder às seguintes questões: Qual é a importância dada ao cinema, em comparação com outras áreas culturais cobertas pelo programa “Cartaz” da SIC Notícias? Quais são as características editoriais da cobertura do cinema, no que

respeita ao valor-notícia e ângulo de abordagem predominantes, bem como ao género jornalístico? Que cinema é valorizado pelo programa, no que respeita à sua origem e género cinematográfico? No seio da cobertura de cinema, que subtemas são mais explorados pelo programa?

Chega-se, então, à conclusão de que o cinema é uma das áreas culturais mais privilegiadas neste programa, embora a abordagem utilizada seja a "mais comercial", uma vez que apostam mais em mostrar o *trailer*. Os filmes que mais sobressaem são os de drama, animação e ação e a maioria são filmes americanos; no entanto, há um grande esforço para divulgar todos os filmes portugueses que vão para salas de cinema. Para além dos filmes, o programa aborda também os festivais de cinema e as entregas de prémios, assim como as celebridades.

# **CAPÍTULO I: ESTÁGIO**

## **1. HISTÓRIA DA SIC**

A televisão com emissão regular nasce em Portugal no ano de 1957, mais concretamente em março. Nesta altura o país encontrava-se ainda imerso no regime ditatorial imposto pelo Estado Novo e, por isso, tal como todos os meios de comunicação social, a televisão estava sob a verificação da censura. Só depois da queda da ditadura, em 1974, é que em Portugal começou a existir aquilo a que hoje estamos habituados até demais: a Liberdade de Expressão.

Era o ano de 1992 e em Portugal, no dia 6 de outubro, nascia a Sociedade Independente de Comunicação (SIC). O primeiro canal de televisão privado em Portugal e, também, o primeiro a fazer concorrência à RTP, que até então detinha em exclusivo o mercado televisivo.

Foi feita uma grande campanha de divulgação nos variados meios de comunicação, por parte da SIC, para anunciar a sua chegada. Ao mesmo tempo, fez uma campanha de sintonização para ensinar as pessoas a procurar o novo canal nas suas televisões. Depois de uma análise exaustiva ao mercado televisivo, o canal de Francisco Pinto Balsemão, na altura sob a direção de Emídio Rangel, optou por ser uma televisão generalista, de forma a captar o maior número de audiências possível. Para além do investimento em programas de ficção, maioritariamente falados em português, a SIC investiu bastante na informação. Assim, 9 anos mais tarde, em janeiro de 2001, nascia a SIC Notícias, o primeiro canal de informação em Portugal.

Para além destes 2 canais, a SIC tem ainda mais 5. A SIC Internacional que chegou em 1997; a SIC Radical, lançada a 23 de abril de 2001 e a SIC estreia-se no mundo online com o lançamento do seu site; a SIC Mulher, que surge em 2003 no dia da mulher; em dezembro de 2009 nasce a SIC K, e em 2013, também em dezembro é lançada a SIC Caras.<sup>1</sup>

A 6 de fevereiro a SIC junta-se às outras marcas do grupo ao mudar de instalações para o edifício Impresa em Paço de Arcos. As instalações contam com 3 estúdios completamente novos e com a mais recente tecnologia. A

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo>, consultado a 01/06/2019

redação teve de sofrer alterações, comparativamente a Carnaxide, uma vez que o espaço é muito diferente. Optaram então por manter as editorias todas juntas ao lado das salas de Edição de Imagem, excetuando a editoria de Economia que se juntou à editoria de Economia do expresso.

Os estúdios ficaram na "cave", com acesso pelas escadas que se encontram ao meio da redação. Estas escadas são o que "divide" as duas partes da redação. Na segunda parte da redação ficaram então as equipas do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite; as equipas da Edição da Manhã, Tarde e Noite; a equipa do programa Opinião Pública; a Agenda; a News Desk e toda a redação do Expresso.

### **1.1. A SIC Notícias**

Nasceu no dia oito de janeiro de 2001 para revolucionar a história da televisão portuguesa. Foi o primeiro canal dedicado exclusivamente à informação em Portugal, seguido da RTPN em 2004 e, uns anos depois, em 2009, da TVI24. Pertence ao grupo Impresa, tal como o canal generalista SIC.

Foi o primeiro canal português a transmitir blocos informativos 24 horas por dia. E o segundo canal temático e com subscrição da SIC.

A 27 de fevereiro de 2009, a SIC comprou os 40% anteriormente detidos pela ZON TV Cabo, convertendo-se, assim, no único proprietário da SIC Notícias.

No final de 2003, a SIC Notícias começou a ser transmitida em Angola e Moçambique. Em 2006, passou a ser transmitida nos Estados Unidos, em Cabo Verde e na Suíça. Em março de 2013, chegou também ao Canadá, para onde produzem também um jornal informativo, gravado todos os dias de manhã. Em maio do mesmo ano, começaram a transmitir na Austrália e em França. A 6 de outubro de 2016, começaram a emitir em HD, com a SIC Notícias HD.

A SIC Notícias tem ainda o site onde estão disponíveis todos os programas e que é atualizado ao minuto pela equipa do Online.

Até junho de 2019, a direção da SIC Notícias era constituída pela seguinte equipa:

#### **Direção Geral de Informação Impresa:**

Ricardo Costa (Diretor)

Alcides Vieira (Diretor-geral Adjunto)

**Diretor de Informação:**

Ricardo Costa

**Diretor Adjunto de Informação:**

José Gomes Ferreira (Editor de Economia)

**Subdiretores de Informação:**

Bernardo Ferrão, Pedro Cruz e Marta Brito dos Reis

**1.2. O Cartaz**

Foi criado e pensado por Graça Costa Pereira, editora de Cultura da SIC. Nasceu em 2003, mas na altura era apenas um bloco minimalista de 6 minutos que passava na Edição da Noite da SIC Notícias depois da meia noite e era apresentado por Sofia Cerveira.

Hoje em dia, o "Cartaz" é uma imagem de marca da SIC e SIC Notícias e tornou-se num programa diário em direto e com convidados, praticamente, todos os dias. Este investimento em convidados só passou a ser possível depois da mudança de instalações para Paço de Arcos, uma vez que em Carnaxide o estúdio não permitia ter convidados diariamente.

Para além do "Cartaz" que é transmitido todos os dias por volta das 14h30 e que dura aproximadamente 17 minutos, o programa "desdobrou-se" ainda em mais 3. Aos fins de semana há o "Cartaz de Fim de semana" com a duração de 10 minutos. Há um "Cartaz" que é gravado e passa todos os dias à 1h30, depois da Edição da Noite e que tem 12 minutos. Há um programa de 35 minutos, chamado "Cartaz Cultural" e que vai para o ar todas as semanas. E há ainda o "Cartaz Cinema", que é gravado e passa semanalmente, com a participação do crítico de cinema João Lopes, onde se abordam todas as questões relacionadas com filmes, normalmente os que estão prestes a estrear ou que estrearam recentemente, e se faz a análise dos mesmos. Este programa é quase como se fosse um programa de autor, a escolha dos filmes e assuntos a ser abordados, incluindo os *trailers* que passam, é inteiramente de João Lopes.

A apresentação do programa é feita por Sílvia Lima Rato ou Miguel Franco de Andrade, ambos jornalistas da equipa de Cultura.

## 2. DIÁRIO DE UMA PRINCIPIANTE

*"Pick a few topics of which you have a great deal of passion, and develop genuine expertise in those so that what you're producing can't be found anywhere else except with you."*

— Glenn Greenwald

### *1 de outubro de 2018*

São dez da manhã e eu estou sentada nos sofás azuis a olhar para monitores, cada um com o seu canal. Estou aqui há meia hora, à espera que a responsável dos Recursos Humanos me venha receber. Cheguei demasiado cedo, mas ainda bem. Estou tão nervosa por este novo capítulo que estou a ponto de vomitar e aquele programa de cozinha que está a passar num dos ecrãs não está a ajudar nada...

- Será que ainda demora muito? Será que percebi mal a hora marcada? - Eu e o meu cérebro demasiado pensativo, todas as cenas possíveis e imaginárias de acontecer estão a passar na minha cabeça como um filme.

Oiço as pessoas a passar, as senhoras da receção a conversar, as cancelas na entrada vão abrindo e fechando de cada vez que alguém entra ou sai. Tudo isto chega a mim como um barulho de fundo, como se fosse um eco. Tento distrair-me, mas os nervos não me querem largar... olho para o telemóvel, 10:05h. Ainda só passaram 5 minutos da hora marcada, não há motivo para alarme.

- Será que vou gostar do estágio? Será que as pessoas me vão tratar bem? Será que quero mesmo ser jornalista? E se não gostar disto?!

Passados mais 5 minutos aparece aquela que até à data é a única cara conhecida para mim, a responsável dos recursos humanos, Flávia Paliotes, que estava presente na minha entrevista.

- É agora! Vai começar um novo capítulo, penso.

A responsável leva-me a conhecer as instalações. O bar, o estúdio secundário, a régie, a sala de reuniões e, finalmente, a redação! Entro um bocadinho a medo. Há um burburinho como barulho de fundo, jornalistas a falar

de tudo um pouco, outros "gritam" para os colegas da outra ponta da redação para pedir informações, uns entram e saem, outros falam ao telefone...

-Afinal é isto uma redação...

Estava tão apavorada como deslumbrada. A rapariga que me acompanha leva-me ao encontro de um outro estagiário e deixa-me com ele. Afinal vou aprender os primeiros passos com alguém no mesmo patamar que eu, alguém que também passou pelo mesmo que eu, isso tranquiliza-me.

Não fazia ideia onde ia começar nem o que iria fazer. Rapidamente percebi que ia começar no programa da manhã "Opinião Pública". Cheguei em má hora porque o programa começava dentro de 10 minutos e estava toda a gente com o modo turbo ligado. Mal me tinha sentado e apresentado e estávamos já a correr para a régie. O rapaz foi muito simpático e foi-me explicando cada passo e cada ação. Mal dei por mim já estava a atender telefonemas e a passá-los para o ar. Era tanta coisa para decorar, tantas teclas, o que dizer, como passar chamadas, demasiada coisa para fixar na primeira hora do primeiro dia!

O programa acabou e fiquei a saber que o rapaz, chamado Miguel, ia ficar comigo a ajudar-me até ao final da semana; menos mal, assim tenho tempo para me adaptar primeiro.

Rapidamente percebi que ali ia ser sempre a todo o vapor.

A entrada era às 9h00 e a saída, por norma era fixa, às 17h00.

A partir do terceiro dia, já sabia quais eram as minhas tarefas. O dia começava com a construção do dossier de notícias: juntava as notícias que encontrava sobre o tema do programa e organizava-as por ordem de importância. Esse dossier era depois enviado ao pivô do dia. Depois disso dedicava-me às imagens. Montava os blocos de imagens que iriam passar no ar de acordo com o tema também. Depois disto tudo feito era a hora de receber o convidado ou convidados que iam falar no programa e levá-los a estúdio para a seguir ir para a régie e começar a atender telefonemas. Anotava o nome, profissão e local de onde cada pessoa ligava e era também minha responsabilidade fazer a seleção das chamadas que iam para o ar. Tinha de ter cuidado para não passar sempre as mesmas pessoas e também fazer uma escolha diversificada em relação a género, faixas etárias ou mesmo profissões. Quando o programa acabava, tinha de passar os dados de todas as pessoas que tinham entrado no ar para uma folha excel.

Durante a tarde era raro ter de fazer dossier de notícias e blocos de imagens, só quando havia programa especial; nesse caso, a minha função era apenas receber os convidados que iam falar à emissão da tarde e levá-los a estúdio, mas tinha a liberdade de poder acompanhar o trabalho de outros jornalistas enquanto os convidados não chegavam.

Esta primeira etapa foi fulcral para o que se seguiu. Se pudesse ter escolhido tal como escolhi as etapas seguintes, acho que escolheria sempre começar no "Opinião Pública": em primeiro lugar, porque os coordenadores (Sónia Ricardo e Alberto Jorge) nos ensinam com toda a calma e nos ajudam em tudo o que precisamos; em segundo lugar, porque me deu o ritmo e as bases no que toca a edição de imagem. Além disso, este programa é muito útil para nos mantermos a par da atualidade. Enquanto lá estive foram tratados variadíssimos temas da atualidade, desde o orçamento de estado, a praxes, as greves, futebol, incêndios, eleições no estrangeiro, até ao caso de Tancos, por isso todos os dias estava informada de tudo um pouco. É também uma forma boa de começar porque mesmo que não saibamos muito sobre algum assunto, acabamos por começar a percebê-lo por termos de o abordar para o programa.

### ***19 de novembro de 2018***

Entre fazer o dossier de notícias, montar blocos de imagens, receber convidados, atender telefonemas e passá-los para o ar já se tinham passado quase dois meses e começava agora uma nova fase deste capítulo. Agora ia começar a fazer realmente o trabalho de jornalista.

Hoje começava a minha passagem pelo "Primeiro Jornal".

Mudei um pouco o horário, entrava às 8h00 todos os dias, pois as saídas em serviço eram cedo para as peças poderem estar prontas antes das 12h30. A saída era, supostamente, às 16h00, mas, na verdade, a partir do momento em que começava o "Primeiro Jornal" o meu dia podia ser dado como acabado porque já não havia mais nada para fazer. Às vezes saía com jornalistas de outras editorias, outras vezes ia observar o que faziam e outras tantas vezes acabava por sair um pouco mais cedo.

A primeira semana foi passada a acompanhar os jornalistas em serviço para ver o que eles faziam e como abordavam diferentes tipos de assuntos. Eram todos muito simpáticos e todos me davam conselhos sobre como fazer as coisas.



A minha primeira saída foi com o André Palma. Tínhamos recebido a informação de que um camião tinha ficado preso num buraco que abriu com a sua passagem. Fomos diretamente para lá e desde que saímos da redação ele não parou de me dar conselhos e explicar o porquê do que estava a fazer. Quando voltámos do serviço ele ainda me explicou todos os passos para montar o OFF e ainda me ajudou a perceber como funcionava o programa de edição de imagem. Tudo nesse dia foi fantástico, principalmente porque começava cada vez mais a perceber que estava no sítio certo e que tinha feito a escolha certa.

### ***24 de novembro de 2018***

Depois de ter começado o estágio foi implementada uma nova regra, todos os estagiários iriam trabalhar um fim de semana por mês.

Chegou o meu primeiro fim de semana e já tenho um serviço marcado! Que nervos, desta vez não vou acompanhar ninguém, vou ser só eu e o repórter de imagem. Fui mandada para a Lx Factory para fazer a peça sobre a primeira edição da "Dog Summit". O serviço durou duas horas, já não deu para o "Primeiro Jornal" porque só voltámos à redação às 14h. Mas pus mãos à obra e consegui que a peça estivesse pronta para o "Jornal da Noite". Claro que não o fiz completamente sozinha, era a primeira peça que estava a fazer, por isso, teve de ser corrigida por uma jornalista mais experiente, mas a ideia principal era a minha. Foi também essa jornalista que me "deu voz" à peça, algo que eu também nunca tinha feito e que, por norma, estagiários não fazem.

Depois de corrigida e sonorizada a peça tinha de ser montada. O coordenador dos fins de semana indicou-me o editor de imagem que me ia ajudar nesse processo. Por mais que tivesse montado blocos de imagem para o "Opinião Pública", isto em nada se comparava! Fui vendo com muita atenção o que ele fazia para tentar perceber como e porque o fazia. A parte mais difícil, sem dúvida, era o áudio. Eu não distinguia se estava bem ou mal, para mim desde que se percebesse o que as pessoas diziam estava ótimo. Nem percebia porque é que tínhamos de usar o som de fundo, mas para isso é que estava um editor a ajudar-me, para que a peça fosse construída corretamente e para, quando fosse para o ar, estar tudo certo. Quando acabámos de montar a peça o meu trabalho estava feito e já podia ir para casa.

Voltei no Domingo, pronta para mais um dia de trabalho, mas como não havia serviço fui mandada para casa mais cedo. Fiquei um pouco chateada, confesso, por dois motivos. Primeiro porque estava ansiosa para fazer coisas novas e segundo porque se não havia serviço podiam ter evitado que fosse até lá só para voltar para casa a seguir.

Depois deste fim de semana seguiram-se mais duas semanas no "Primeiro Jornal". Por esta altura já havia 3 estagiários lá ao mesmo tempo, o que fazia com que não houvesse tanto trabalho, então passei essas duas semanas a sair em serviço ou com outros jornalistas ou para fazer entrevistas para peças que já estavam em andamento na redação.

### ***6 de dezembro de 2018***

Chegaram as "famosas" Madrugadas. Todos os estagiários têm de fazer, pelo menos, uma semana de madrugadas. Neste período o nosso trabalho fica "suspense" durante uma semana, na qual entramos às 00h00 e saímos às 6h00.

Isto até poderia ser benéfico para nós se ainda existisse a emissão de 24h. Neste caso, para mim, acho que foi só perda de dias na cultura. Durante as madrugadas, como não há emissão, não há ninguém na redação, o papel do estagiário é apenas de "piquete" para o caso de acontecer alguma coisa durante a noite. As minhas funções eram ligar para o Comando Metropolitano de Lisboa, para a GNR e para os Bombeiros Sapadores para perguntar se havia ocorrências: se houvesse, cabia-me a mim decidir se saía ou não para fazer reportagem, e, também era minha função fazer um resumo dos noticiários da TSF para entregar ao coordenador da edição da manhã quando ele chegasse. O resto do tempo estava, literalmente, a olhar para as paredes.

Como estava em transição do "Primeiro Jornal" para a editoria da cultura não tinha nada para fazer. Alguns colegas meus, que já estavam em editorias, pediam aos editores para lhes deixarem trabalho para eles fazerem durante a madrugada, no meu caso não tinha como o fazer.

Na altura em que a emissão da Sic Notícias era de 24h, as madrugadas serviam para os estagiários experimentarem e aprenderem mais livremente porque mesmo que houvesse erros, não havia a pressão do tempo e da elevada audiência. Desde que a emissão passou a acabar à 1h00 da manhã, acho que não se justifica estagiários ficarem durante a noite na redação. Não há nenhum

jornalista para nos ensinar ou ajudar, ficamos apenas com o repórter de imagem que está de "piquete" à espera que algo aconteça e, se não acontecer, esperamos apenas pelas 6h00 da manhã para ir para casa.

Eu não me importava de fazer as madrugadas se houvesse trabalho, mas assim, senti que foi apenas uma semana que perdi e que poderia ter aproveitado na editoria de cultura.

### ***17 de dezembro de 2018***

Finalmente chegou o dia por que tenho esperado desde que escolhi o meu percurso dentro da SIC.

Hoje começo na editoria de cultura!

Esperei tanto por este dia que nem consigo conter o entusiasmo. Todo o meu percurso se resume a isto, a este ponto de chegada mas, também, de partida.

Desde a licenciatura que sabia que era cultura que queria "seguir", fosse o que fosse que iria fazer na vida teria de ser relacionado com cultura e agora vou tirar a prova se jornalismo é mesmo o caminho certo para mim. Nos próximos 3 meses e meio este vai ser o meu "trabalho" e esta vai ser a minha equipa.

Mudei, finalmente, para o horário com que andava a sonhar desde que comecei o estágio. Entrava às 12h00 e saía às 20h00. Claro que a saída, por vezes, se arrastou um pouco mais porque era preciso deixar as coisas prontas, ou então, simplesmente porque eu queria deixar algo já adiantado para o dia seguinte. No entanto, nesse aspeto, a editora sempre fez questão que eu saísse a horas, muitas vezes foi ela quem me disse para ir embora, que já chegava de trabalho por aquele dia. Gostava tanto do que estava a fazer que nem dava conta de as horas passarem e, se a editora não me avisasse eu ficaria até a edição da noite acabar.

O dia começou com apresentações: a Graça Costa Pereira (a editora de cultura) apresentou-me a todos os membros da equipa. À semelhança com o início no "Primeiro Jornal", passei o primeiro mês a acompanhar os jornalistas em serviço. Desde a primeira saída percebi logo que o ritmo e o tipo de trabalho eram totalmente diferentes. Tenho de confessar que estava a adorar só de observar!

A equipa era constituída por 5 jornalistas, a editora, a produtora e dois repórteres de imagem fixos da editoria. Foram todos muito simpáticos e todos me receberam de braços abertos e prontos para me ensinar e ajudar em tudo. Durante as primeiras semanas, as pessoas que mais acompanhei foram a Cristiana Reis e a Iryna Shev. Saíamos em serviço para as mais variadas coisas e quando voltávamos eu continuava a acompanhar o resto do trabalho. Depois de elas escreverem a peça eu lia e ia com elas para a sala de edição de imagem ver como faziam. Foram sempre muito disponíveis e sempre me senti à vontade para fazer qualquer pergunta, fosse sobre a peça em si, a sua montagem ou mesmo nos serviços sobre a escolha de perguntas na entrevista ou sobre a escolha de entrevistados, nunca me deixaram sem resposta ou com dúvidas e se sentiam que algo não estava claro para mim, faziam questão de me explicar da melhor maneira para que eu percebesse. Claro que ao mesmo tempo que as acompanhava, a Graça estava sempre atenta e perguntava-me sempre o que achava ou se precisava de ajuda/esclarecimentos sobre alguma coisa.

O dia chegou em que ia sair sozinha pela primeira vez. A Graça já me tinha avisado que estava perto, mas não pensei que estivesse assim tão perto! Assim que soube o que era quase entrei em pânico. No primeiro serviço em que ia sair sozinha, o primeiro de todos, e ia ter de falar em inglês. Ia entrevistar o cantor Mishlawi<sup>2</sup> e um rapper sul africano, Nasty C, que fazia uma colaboração na música que ele estava a gravar.

Preparei tudo, fui pesquisar as músicas recentes e escrevi as perguntas para mostrar à Graça. Não sabia se estava mais nervosa por não conhecer muito o trabalho dele, se por falar em inglês ou se por este ser o meu primeiro serviço sozinha, acho que era uma mistura de tudo.

A hora chegou e saí com o repórter de imagem para o serviço. Ele foi uma grande ajuda. Foi-me dando conselhos sobre como me posicionar, acalmou-me e, no fim, quando estávamos a regressar deu-me a opinião dele e disse-me o que achava que eu podia melhorar. Esses conselhos foram uma ajuda preciosa para todos os serviços seguintes.

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-08-Mishlawi-edita-primeiro-disco-da-carreira>

Os repórteres de imagem, o Edgar e o Euclides, só trabalham para a editoria. Em raros casos, se precisarem de pessoas, podem ser chamados para fazer outros serviços mas, por norma, não acontece.

Esse foi outro dos aspetos positivos de ir trabalhar para a cultura, o facto de saber sempre com quem ia sair e de eles também me conhecerem. No Primeiro Jornal podíamos ir com qualquer repórter de imagem, o que por um lado era bom porque trabalhávamos com mais pessoas e recebíamos feedback diferente, mas, por outro, nem sempre sabíamos com quem íamos e, às vezes, não havia repórter disponível logo na hora.

Depois desse primeiro serviço seguiram-se muitos outros. Música, arte, cinema, teatro... fiz um pouco de tudo dentro da cultura. Entrevistei encenadores de peças de teatro<sup>3</sup> e óperas<sup>4</sup>, entrevistei atores que dobraram filmes de animação<sup>5</sup>, também entrevistei cantores e rappers<sup>6</sup>. Quando não havia serviços, a editora não me deixava perdida sem nada para fazer. Algumas vezes dizia-me para fazer uma peça<sup>7</sup> ou um off específico dos feeds de notícias, outras dizia-me para ver o que havia nos feeds e deixava que fosse eu a sugerir uma peça ou um off para fazer, como foi o caso de um dos meus últimos trabalhos<sup>8</sup>.

Com o passar do tempo, fui-me tornando cada vez mais autónoma, embora todas as peças que fizesse fossem corrigidas e sonorizadas por um dos jornalistas da editoria e fossem sempre montadas com um editor de imagem. Mesmo assim, a meio da minha "estadia" na editoria, fiz uma peça sobre a ópera "Frankenstein", nesse dia não havia nenhum editor disponível e eu estava a sentir-me cada vez mais confiante com o programa de edição, então sugeri à editora ser eu a montar a peça sozinha e ela concordou. Claro que no fim fui à edição de imagem apenas para ver se estava tudo correto e fiquei espantada quando o editor me disse que estava tudo bem e que podia ir para o ar.

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-07-Hamlet-de-Shakespeare-so-com-mulheres-em-palco-para-ver-no-Teatro-da-Comuna>

<sup>4</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-06-CCB-recebe-operas-de-Olga-Roriz>

<sup>5</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-28-Universo-LEGO-regressa-aos-cinemas>

<sup>6</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-05-Esta-sexta-feira-a-Altice-Arena-recebe-Hip-Hop-Tuga>

<sup>7</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-17-Dumbo-chega-aos-cinemas-portugueses-a-28-de-marco>

<sup>8</sup> Disponível em <https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-25-Michael-Jackson-On-the-Wall-na-Alemanha>

A certa altura peças minhas começaram a passar também no "Jornal da Noite" por sugestão da editora. Aí comecei a sentir que depositavam realmente confiança no meu trabalho. Todas as minhas peças passavam no "Cartaz", o que por si só já era uma prova de confiarem em mim, mas passar no "Jornal da Noite" é um patamar um pouco diferente, é uma responsabilidade maior ainda.

### ***28 de janeiro de 2019***

Primeiro dia na "casa nova"! Se por um lado estava entusiasmada, por outro estava triste. Deixar Carnaxide para trás era também deixar uma parte da minha vida para trás. Foi lá que tudo começou, as minhas "primeiras vezes" no mundo do trabalho foram todas lá e, querendo ou não, acabei por me afeiçoar ao "edifício dos tijolos". Senti esta mudança quase tanto como as pessoas que estão na SIC desde o início.

Pela primeira vez o meu destino já não era Carnaxide, era Paço de Arcos. Estava feliz por fazer parte desta mudança e por poder testemunhá-la de perto mas era tudo tão diferente!

Em Carnaxide os tons quentes das paredes e o espaço mais pequeno tornavam a redação um sítio extremamente acolhedor, familiar até. Estavam todos à distância de poucas mesas ou de um "grito" pelo seu nome. Aqui a redação estava dividida. Tínhamos as editorias de cultura, sociedade, política e desporto de um lado, junto às salas de edição de imagem e do outro lado, com as escadas que levam aos estúdios pelo meio, estava a editoria de economia, as *pools* do "Primeiro Jornal" e do "Jornal da Noite", as edições da manhã, tarde e noite, enfim, tudo o resto (tirando os programas que tiveram de ir para a cave ou para o primeiro andar) está do "lado de lá" das escadas junto à redação do Expresso. A redação ficou dividida, tal como duas margens de um rio, só que neste caso o rio eram as escadas. Não gostei muito deste pormenor, demorei um bocadinho a adaptar-me a esta nova redação, já não havia aquele ambiente familiar de Carnaxide. Claro que não havia comparação em termos de condições, desde os estúdios que eram agora muito maiores e versáteis, ao bar que era agora o dobro ou o triplo do tamanho.

Assim que cheguei à redação percebi que ia ser um dia difícil, andavam todos a mil à hora. Uns por causa do novo programa de edição no qual não

sabiam ainda operar, outros porque o ENPS <sup>9</sup> não estava a funcionar corretamente. Entre emissões e programas, o caos estava instalado, mas o lado positivo é que daí só podia melhorar. E assim aconteceu, depois da primeira semana de adaptação a rotina estava a voltar o caos ia desaparecendo, estava tudo a voltar ao "normal" e toda a gente estava feliz na "nova casa". Desde aí até ao fim do estágio acabei por me afeiçoar a Paço de Arcos e a gostar cada vez mais de lá estar.

### ***25 de março de 2019***

A semana ainda agora começou e já estou com um formigueiro no estômago. Esta é a minha última semana aqui, na minha "casa" dos últimos 6 meses.

- Como é que é possível?! Ainda ontem estava a começar o estágio!

Foi uma semana calma, tive um serviço fora e o resto do tempo estive a fazer peças e OFFs dos feeds de notícias. Continuava a ter sempre alguém a corrigir e a sonorizar as minhas peças, claro. Não me sentia ainda à vontade para ser eu a sonorizar, embora uma das jornalistas da equipa, a Iryna, me tenha dito para pedir à nossa editora para o fazer. Além de me corrigir as peças começou a ensinar-me a sonorizar, sempre que íamos para a cabine de som ela dizia para eu sonorizar primeiro e depois dava-me dicas daquilo que devia melhorar e mandava-me sempre repetir e depois ouvir para ir treinando.

A semana foi passando e a cada dia se tornava mais difícil manter a compostura. Ia-me despedindo daqueles que sabia que não ia ver mais (enquanto estivesse a estagiar claro), ou por estarem de folga ou fora em trabalho.

No dia 28 despedi-me da Iryna que ia para Cabo Verde em trabalho. Consegui conter as lágrimas mas acho que foi a despedida que mais me custou. É claro que eu a vou voltar a ver e a estar com ela, mas ali era o fim de uma etapa onde ela foi muito importante. Mas já lá chego.

São 20h00, num dia normal seria a hora em que pegava nas minhas coisas, dizia "até amanhã" e ia para casa. Hoje, no entanto, não é um dia normal. Estou a fazer tempo para me despedir da Cristiana e do Edgar porque saíram em serviço e eu já terminei todas as tarefas que me tinham dado. Já me despedi de

---

<sup>9</sup> software desenvolvido pela divisão Broadcast Technology da Associated Press para produzir, editar, sincronizar, organizar e transmitir notícias.

todos os que estavam a trabalhar, nunca me custou tanto despedir-me de pessoas e de um sítio.

Quando cheguei à SIC achei que iria ser tratada como nada, era apenas uma estagiária como tantos outros que lá passam. Mas agora que chego ao fim percebo que não funciona assim. Na SIC todos são alguém, todos importam. Tive a sorte de passar por várias etapas e em todas elas conhecer pessoas fantásticas que ao mesmo tempo que me ajudaram a crescer como profissional, ajudaram-me também a crescer como ser humano.

Na editoria de cultura deparei-me com uma verdadeira equipa, a todos os níveis e, ao fim de pouco tempo, eu própria me sentia parte dessa equipa. Nunca me faltou ajuda por parte de ninguém, nunca me faltaram conselhos sobre como fazer melhor as coisas, nunca me faltou apoio para preparar o trabalho e nunca me faltou companheirismo, fosse para ir beber um café ou para esclarecer a dúvida mais descabida sobre um serviço. Nesse aspeto toda a equipa me amparou e me ajudou, mesmo que estivessem cheios de trabalho. Mas houve três pessoas que me ajudaram um pouco mais, talvez por terem sido também as pessoas com quem criei mais laços. A Sílvia Lima Rato, a pivô do "Cartaz", que desde o início me auxiliou e me motivou a fazer mais coisas; a Cristiana Reis, que por mais trabalho que tivesse tinha sempre tempo para me corrigir as peças ou para me ajudar a preparar entrevistas e a Iryna Shev que por mais cansada e cheia de trabalho que estivesse sempre me ajudou em tudo, mesmo quando ela própria não conhecia o assunto. Todos eles me fizeram sentir parte desta equipa maravilha que é a editoria de cultura da SIC e não há forma de agradecer isso.

Saio da SIC com a certeza de que foi a melhor escolha. Aprendi o verdadeiro significado de ser jornalista aqui. Esta foi a melhor escola, em termos profissionais e em termos humanos também. O que vivi aqui nestes 6 meses foi para além do que podia imaginar e vou daqui com a certeza que conheci verdadeiras amizades e com ainda mais certezas de que quero ser jornalista como os que conheci.



## CAPÍTULO II: REVISÃO DE LITERATURA

### 1. A CULTURA NO JORNALISMO

#### 1.1. Cultura

A palavra Cultura não tem um só significado. Obter uma definição específica e exclusiva é uma tarefa árdua e praticamente impossível, uma vez que já existem variadas definições e mesmo estas estão sempre em evolução. É preciso ter em conta o contexto a que nos referimos quando tentamos defini-la.

A palavra em si serve vários propósitos e situações e está sempre ligada a outros conceitos. Como explica Dora Santos Silva "Em 1952, Kroeber e Kluckhohn identificavam no célebre livro *"Culture: a critical review of concepts and definitions"* mais de 150 definições da palavra "cultura" (e mesmo este número varia entre estudiosos do livro: alguns retiram 162 definições; outros, apenas 156), traçando a evolução do conceito desde a sua raiz alemã e as tensões com a noção de "civilização" até à perspectiva antropológica, agrupando estas definições em 6 grupos: "descritivas", "históricas", "normativas", "psicológicas", "estruturais" e "genéticas". Este é apenas um exemplo da dificuldade em definir uma palavra aparentemente (só mesmo à primeira vista) tão simples" (Santos Silva, 2012: 22).

cul.tu.ra - kul'turə

Nome feminino

6. Desenvolvimento de certas faculdades através da aquisição de conhecimento; educação
7. Conjunto dos conhecimentos adquiridos que contribuem para a formação do indivíduo enquanto ser social; saber
8. Conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades
9. Sistema complexo de códigos e padrões partilhados por uma sociedade ou um grupo social e que se manifesta nas normas, crenças, valores, criações

e instituições que fazem parte da vida individual e coletiva dessa sociedade ou grupo<sup>10</sup>

A palavra surge da junção do termo germânico *Kultur* com a palavra francesa *Civilization*, "o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*" (Laraia, 2009: 21).

De acordo com T. S. Eliot, há três formas de abordar a Cultura: a do indivíduo, a do grupo e a da sociedade. "O termo cultura tem diferentes associações dependendo se temos em mente o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe, ou de toda uma sociedade. Faz parte da minha tese que a cultura do indivíduo é dependente da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura de toda a sociedade à qual esse grupo ou classe pertence"<sup>11</sup> (Eliot, 2010:12).

Na verdade, hoje em dia, o termo "Cultura" é usado com os mais variados significados. Cultura são os costumes de um país ou região, são as crenças, regras e comportamentos de um certo grupo de pessoas (uma sociedade), é um agregado das várias artes existentes como o cinema, a música, a pintura, a literatura, entre outras, é o conhecimento de cada pessoa (cultura geral), acaba até por ser tudo aquilo que passa de geração para geração. "Hoje, "cultura" engloba Beethoven e Madonna, um quadro de Velásquez e um anúncio publicitário da Vodafone, os sonetos de Camões e a ciberpoesia de Bernstein..." (Santos Silva, 2012: 22).

No seu livro "*Cultura e jornalismo cultural: tendências e desafios no contexto das indústrias culturais e criativas*" (2012), Dora Santos Silva explica como até ao século XIX existia apenas a cultura da elite, ou seja, uma vez que o povo não tinha acesso a artes, como a pintura ou a escultura, a livros, por onde os mais ricos ganhavam conhecimentos e "estudos", ou a peças de teatro ou concertos, a cultura era algo exclusivo para quem tinha meios de a comprar. Esta

---

<sup>10</sup> Definição de Cultura no dicionário da Porto Editora disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cultura>

<sup>11</sup> Tradução livre do inglês

realidade altera-se quando se dá a segunda revolução industrial que vem trazer a mediatização da cultura. Com o aparecimento da imprensa, do cinema, da rádio e da fotografia passa a ser possível a divulgação da cultura para as massas.

"A cultura de massas é, assim, o produto de eclosão dos meios massivos de comunicação, que, como afirma McLuhan, dará lugar a uma cultura globalizada. Esta mercantilização da produção cultural começa precisamente com a edição de livros (curiosamente "o emblema por excelência da 'grande cultura'"), sendo este o pioneiro da "cultura de massas" (Gonçalves, 1998: 3). Consequentemente, outras artes tradicionais são alvo de transformações: o teatro passa a ter lugar numa sala de espectáculos, a música passa a ser ensinada e admirada em auditórios; as pinturas são expostas em museus e surge o mercado das cópias de quadros. Os produtos culturais passam a ser concebidos em função de um público massivo e indiferenciado (Santos Silva, 2012: 29).

A autora avança ainda no seu livro com o conceito de indústria cultural, cunhado em 1944 pelos filósofos Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969), referir a mercantilização da cultura.

"Estes teóricos partem de uma concepção de cultura superior, como a pintura, o teatro ou a literatura, ligada ao sagrado – obras de arte únicas, não reproduzíveis, com "aura" –, para afirmarem que a indústria cultural é o símbolo do anti-iluminismo. Esta visão apocalíptica, que iria influenciar radicalmente os estudos sobre comunicação e cultura de massas, foi descrita no célebre livro "Dialéctica do Iluminismo" (*Dialektik der Aufklärung*), publicado em 1947." (Santos Silva, 2012: 32)

A sociedade americana dos anos 30 e 40 foi a base do estudo que levou ao surgimento do conceito de *indústria cultural*, uma vez que os teóricos se encontravam lá exilados e nesta altura o ambiente cultural nos Estados Unidos era bastante diferente daquele que conheciam.

Desta forma, a cultura está orientada e parametrizada para o mercado de massas, tornando-se assim um fruto de baixa qualidade e completamente estereotipado. Dado que a qualidade acaba prejudicada em comparação à quantidade, Dora Santos Silva diz no seu livro, "*Cultura e jornalismo cultural: tendências e desafios no contexto das indústrias culturais e criativas*" (2012), que "Por isso mesmo é que tudo se subordina a uma lógica de produção: a qualidade, a autonomia do consumidor e a individualidade do artista. O enredo

do romance tem já em vista as filmagens e os efeitos sonoros. As mercadorias culturais são valorizadas pela perspectiva do lucro e não pelo seu próprio conteúdo. A “técnica” na indústria cultural refere-se à organização da cultura em si, permanecendo externa à técnica artística, ou seja, é um “parasita”. É desta técnica parasita extra-artística que resulta o pastiche (*Gemisch*), uma cultura de imitação, em que se conjuga a indústria com os resíduos individualistas."

A autora fala ainda de como a cultura de massas moderna transforma o consumidor em alguém passivo e exerce um controlo psicológico sobre o mesmo, a ponto de alterar a sua individualidade, pois os produtos culturais são criados para que haja um consumo descontraído, de forma que o consumidor não tenha de ter esforço mental.

### 1.3. O Jornalismo

"A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem."

"Os meios de comunicação jornalística servem de guardiões, forçam as pessoas a agir e dão voz aos esquecidos."

Bill Kovach e Tom Rosenstiel

Segundo o dicionário da Porto Editora a definição de Jornalismo é:

jornalismo

jor.na.lis.mo

nome masculino

- 1.atividade de recolha e análise de informações da atualidade com o objetivo de as transmitir ao público através de meios de comunicação social
- 2.atividade de quem trabalha em comunicação social; profissão de jornalista
- 3.forma de expressão que caracteriza os meios de comunicação social
- 4.conjunto dos meios de difusão de informação; comunicação social
- 5.conjunto dos jornalistas<sup>12</sup>

Para Clóvis Rossi, autor do livro "*O Que É Jornalismo?*", o Jornalismo, "independentemente de qualquer definição académica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar veículos de comunicação de massa". (Rossi, 2017: 1)

Já para Bill Kovach e Tom Rosenstiel o Jornalismo pode ser visto de várias formas. A primeira de todas é que o Jornalismo é visto como um serviço

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jornalismo>

público e que os Jornalistas, quando se sentem pressionados, "assumem como um dado adquirido o facto de trabalharem no interesse do público" (Kovach e Rosenstiel, 2001: 15).

No entanto, os autores defendem que esta resposta simples já não é suficiente pois o público está cada vez mais cético e hoje em dia, com as facilidades que as novas tecnologias vieram trazer, qualquer pessoa que tenha acesso à internet e um computador ou telemóvel pode "reivindicar a realização de um "ato jornalístico" (Kovach e Rosenstiel, 2001: 15). As novas tecnologias, segundo Kovach e Rosenstiel, vieram alterar a organização económica do jornalismo e pôr à prova as leis desta profissão, assim como redefini-las. Não é por acaso que, com o aparecimento destas tecnologias e facilidade em aceder a tudo com apenas um clique, começaram a aumentar as chamadas *fake news* que, ao contrário do que se haveria de esperar, são levadas a sério por uma grande maioria dos leitores.

"Alguns sugerem que talvez a definição de jornalismo se tenha pulverizado por acção da tecnologia e que, por isso, tudo agora seja considerado como jornalismo. Mas, numa análise mais aprofundada (...) a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, nem pelos jornalistas ou pelas técnicas que estes empregam. (...) os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por algo mais básico - a função que as notícias desempenham na vida das pessoas." (Kovach e Rosenstiel, 2001: 15)

Mas, esta facilidade em aceder à informação acaba por vir fragilizar muito o jornalismo, porque para além desta possibilidade de qualquer pessoa escrever notícias, traz ainda a urgência por parte do público. Este está tão habituado a ter a informação à distância de um clique que quase exige ter acesso a ela a cada minuto. Quando perguntei à jornalista da equipa de Cultura da SIC, Iryna Shev, o que tinha de mudar no panorama do jornalismo cultural ela abordou precisamente esta urgência, "O mesmo que tem de mudar em todo o tipo de jornalismo: a pressa. Fazer jornalismo para o momento não vai sustentar a sociedade do futuro. Somos o pilar da democracia e temos de ter tempo para sermos rigorosos, para investigarmos as histórias até ao fim, para refletirmos nas consequências do que fazemos. No geral, e como consequência das redes sociais

e de tudo o que adveio delas, acho que nos estamos a transformar em máquinas de produção em massa, e é isso que temos que enfrentar."<sup>13</sup>

#### **1.4. O Jornalismo Cultural**

Dentro do jornalismo existem vários géneros ou áreas, depende de como lhes queiram chamar. O jornalismo cultural é um desses géneros, tal como o jornalismo de investigação, o jornalismo económico ou o jornalismo político.

No jornalismo cultural, como o próprio nome indica, tratam-se os temas que abordam a cultura, como o cinema, a música, o teatro, as artes, etc.

"O jornalismo cultural apresenta o mesmo problema que a cultura no que toca à sua definição concreta. É tema de vários estudos e é também objeto de grande evolução. O jornalismo cultural surge ligado a uma cultura de elite, evoluindo até à cultura de massas atual. Nas últimas duas décadas assistiu-se a mudanças profundas na prática deste jornalismo com a entrada na era digital, criando duas fações: uma que acredita que o jornalismo cultural se encontra em decadência e outra que, pelo contrário, defende que está em expansão." (Robert, 2018: 5)

Dora Santos Silva, num dos seus estudos, propõe a seguinte definição para jornalismo cultural:

"Uma vez que o seu objeto é a cultura, o jornalismo cultural é também um conceito complexo, multidimensional e em evolução. Como resultado de escolhas editoriais, pode focar em manifestações artísticas, o processo de cultura, questões culturais e antropológicas, infraestruturas e bens culturais, estilo de vida e qualidade de vida, entretenimento e lazer, criatividade e inovação. Assim, o jornalismo cultural abrange potencialmente todas as dimensões da cultura: como objeto artístico e criativo, como processo, como manifestação ou modo de vida da sociedade, como bem intangível e tangível, sempre ligado ao seu valor dentro da sociedade em cada momento, com diferentes géneros e tratamentos editoriais. O jornalismo cultural é em si uma prática cultural."<sup>14</sup> (Santos Silva, 2015: 308/309).

Pode-se assim concluir que o jornalismo cultural é uma área do jornalismo que engloba várias questões e tópicos referentes à cultura e os leva até ao público de forma a informá-lo. Para Graça Costa Pereira, editora de Cultura da SIC, o jornalismo cultural é

---

<sup>13</sup> Entrevista à jornalista Iryna Shev, da equipa de Cultura da SIC

<sup>14</sup> Tradução livre do inglês

fundamental para dar a conhecer ao público as várias escolhas que tem e que pode, se quiser, conhecer.

A própria reconhece que esta é uma das áreas mais desvalorizadas no contexto português, e não só a nível do jornalismo. "É uma área que, apesar de ser das mais penalizadas, até em termos de Orçamento de Estado e de isso sempre ter sido assim, é uma área que dá emprego a imensas pessoas, é uma área que em termos de turismo tem imenso potencial e é uma área que tem um potencial de crescimento gigante e, na verdade tem crescido, porque se nós formos ver, até podemos sair de Lisboa, numa agenda cultural de algumas cidades do país, a oferta numa mesma noite, não conseguiríamos fazer tudo numa semana."

"Há uma falta considerável de estudos sobre jornalismo cultural em Portugal, país em que o jornalismo cultural continua sem ter um papel de destaque. Ao contrário de outros países, em Portugal a área da cultura continua em segundo plano. "Não se pode dizer que o jornalismo cultural ocupe um papel importante na imprensa portuguesa. Comparativamente com outros países (Brasil com pelo menos 20 títulos de revistas especializadas em algum segmento de cultura, Reino Unido com dezenas de títulos regionais e nacionais ou a vizinha Espanha, precursora do jornalismo de tendências) o panorama português é muito fraco e a única revista mensal dedicada às artes – Magazine das Artes – teve o seu fim em Maio de 2008" (Santos Silva, 2012: 103)." (Dias, 2017: 18)

Esta desvalorização não acontece só por parte de quem é exterior ao jornalismo cultural, ela acontece também entre jornalistas do meio. Há duas opiniões opostas sobre a importância que tem o jornalismo cultural para os jornalistas que o praticam, na maioria dos casos é defendido que este é importante, "as artes são importantes e devem estar no centro da cobertura mediática" (Harries; Wahl-Jorgensen, 2007: 626); "as artes são mais «ligeiras» do que política e outros assuntos, mas mais importantes do que áreas de «baixa cultura» como cobertura de desporto e celebridades" (Harries; Wahl-Jorgensen, 2007: 626)"<sup>15</sup> mas, existe também uma pequena minoria que defende que, comparado a outros tipos de jornalismo, o jornalismo cultural não é tão importante, "as artes são «soft news»" (Harries; Wahl-Jorgensen, 2007: 626)." <sup>16</sup>

Estas afirmações vêm demonstrar, como diz Adriana Dias no seu relatório de estágio, que "as opiniões sobre jornalismo cultural, mesmo entre os profissionais da

---

<sup>15</sup> Citações retiradas do relatório de estágio de Adriana Dias

<sup>16</sup> Citação retirada do relatório de estágio de Adriana Dias



área, não são unânimes, e que a visão que se tem sobre jornalismo cultural está directamente ligada à visão que se tem de cultura. No entanto, há uma ideia que perpassa estas opiniões, ainda que divergentes: o jornalismo cultural é visto como um mundo aparte, longe do jornalismo convencional." (Dias, 2017: 16)

Ao encontro do que foi dito no parágrafo anterior, a editora de Cultura da SIC defende ainda que esta área, embora seja bastante marginalizada, começa a ser levada mais a sério. "Por isso eu acho que o nosso papel é fundamental, deixou de ser um papel de adereço, a Cultura deixou de ser só uma coisa muita gira e que é só o "finzinho" do jornal, ok quase sempre continuamos no fim do jornal exceto quando há uma morte de uma pessoa muito importante ou então como ainda este fim de semana que a questão do património da humanidade abriu os jornais na SIC e na SIC Notícias, mas a Cultura não é e não pode ser vista como uma coisa menor. (...) é uma área difícil. É uma área que muita gente pensa que qualquer um faz, que é só ir a um concerto e fazer um vídeo, que é só dizer umas banalidades sobre artistas, mas é uma área que requer algum conhecimento e até alguma inteligência para fazer ver que há coisas para lá do óbvio, ainda que muitas vezes o que fazemos também seja, ou aparente ser, óbvio. Mas (...) não estamos aqui para ensinar ninguém, para educar ninguém, no fundo nós também temos este papel de as pessoas sentirem que existe uma espécie de luz ao fundo do túnel no fim do jornal, ok é uma coisa positiva, é uma coisa que nós podemos fazer para aproveitarmos um bocadinho mais os nossos dias, mas que também, na maior parte dos casos, e muito, cada vez mais, no cinema, na literatura e até na música, nos faz refletir sobre os problemas que atravessamos e, se calhar, olhar para eles de uma forma que nunca olharíamos ou nunca pensaríamos neles se não fosse através da Cultura."<sup>17</sup>

"Em modo de conclusão e de síntese das anteriores opiniões, poderia dizer-se que o papel principal do jornalista cultural é actuar como descodificador de símbolos culturais, de modo a aproximar o público de criadores e objectos culturais, podendo ser visto como um "mediador democrático" (Santos Silva, 2012: 73). Ainda que as opiniões sobre o papel deste tipo de jornalismo divirjam, é unânime que o jornalista cultural é um intérprete da própria cultura." (Dias, 2017: 17).

A jornalista Iryna Shev, da equipa de Cultura da SIC, confirma o que foi dito no parágrafo anterior "O nosso papel enquanto jornalistas é sermos uma

---

<sup>17</sup> Entrevista à editora de Cultura da SIC

espécie de filtro entre todo o barulho de informação que existe e aquilo que realmente merece a atenção das pessoas. Como consequência dos tempos modernos em que a rapidez é o vetor que guia a maioria, acho que o nosso papel é cada vez mais importante e mais exigente."<sup>18</sup>

## 1.5. Os Géneros do Jornalismo Cultural

Neste tipo de jornalismo estão presentes os mesmos géneros "tradicionais" que se usam em todos os tipos de jornalismo como:

- Notícia;
- Reportagem;
- Entrevista;

Para além destes, deparamo-nos com géneros que não se encontram com muita frequência no jornalismo "tradicional" mas, que são muito intrínsecos ao jornalismo cultural, como por exemplo:

- Crítica
- Perfil
- Efemérides
- Biografia

De todos estes géneros, aquele que está mais associado ao jornalismo cultural e que é, também, o mais conhecido é a crítica. Dora Santos Silva, no seu livro *"Cultura e jornalismo cultural: tendências e desafios no contexto das indústrias culturais e criativas"* (2012), fala da crítica como sendo a "imagem de marca" deste tipo de jornalismo, "A crítica será, porém, “o” género do jornalismo cultural. A sua carga histórica e a fértil tradição que continua a ter nos *media*, em especial nos periódicos semanais, confere-lhe algum protagonismo, embora esta enfrente actualmente um decréscimo em favor das sinopses, das listas e dos simples comentários.

A crítica envolve um conhecimento profundo das obras e dos seus autores, e uma reflexão sobre os seus conteúdos, de modo a ser feito um juízo de valor. É também a responsável por uma relação conflituosa entre jornalistas e especialistas culturais não-jornalistas que são apontados como mais capazes do que os primeiros para analisar determinadas obras."

---

<sup>18</sup> Entrevista à jornalista Iryna Shev.

## 2. O Cinema

Segundo o dicionário da Porto Editora a definição de Cinema é:

ci.ne.ma si'neɐ

nome masculino

1. arte de fazer filmes para projeção
2. espetáculo de projeção de filmes
3. estabelecimento ou sala destinada à projeção de filmes
4. carreira profissional na arte cinematográfica
5. indústria que produz os filmes

A criação do cinema é atribuída aos irmãos Lumière, pela sua invenção, o cinematógrafo, no séc. XIX, quando fizeram uma apresentação pública, no *Grand Café*, em Paris. "No entanto, a criação do cinematógrafo é atribuída a vários inventores, quer nos EUA, quer na Europa. No mesmo período, nos EUA, os laboratórios de Thomas Edison também já progrediam na invenção de instrumentos de captação de imagens em movimento. É neste cenário que o cinema se torna o primeiro meio de comunicação baseado numa ilusão psico-perceptiva criada por uma máquina (o segundo será a televisão), encerrando o século XIX com um revolucionário mecanismo de entretenimento." explica Jaime Lourenço no seu relatório de estágio (2016).<sup>19</sup>

Desde essa altura até aos dias de hoje, o cinema já mudou muito e evoluiu também. Temos, hoje em dia, filmes para todos os gostos. Desde animação a comédia, de drama a musical, de terror a romance ou até mesmo de Sci-Fi (ficção científica) a westerns. Tornou-se numa das maiores indústrias de produção de arte e cultura e foi ganhando reconhecimento no meio do jornalismo cultural.

É considerado a sétima arte, feito que aconteceu em 1911, como explica Jaime Lourenço, "Segundo Grilo, a primeira grande tentativa de reflectir sobre o cinema terá sido a de Riciotto Canudo, que a 28 de Março de 1911, publica o *Manifesto das Sete Artes*. Pela primeira vez, o cinema é colocado no campo das artes e designado como sétima arte. No seu manifesto, Canudo situa “o cinema

---

<sup>19</sup> Lourenço, J. (2016). *Um olhar sobre o jornalismo de cinema na televisão portuguesa: O caso do Cinebox da TVI24*. Mestre. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa.

na configuração das artes, entre as chamadas artes do espaço (arquitetura, escultura e pintura) e as artes do tempo (música, dança, poesia) ” (Grilo, 2010:48). Deste modo, a sétima arte encontra-se simultaneamente entre estas duas dimensões das artes, apresentando-se numa nova espécie de racionalidade e representação: quadros em movimento, arte plástica, desenvolvendo-se de acordo com as formas de arte rítmica (Grilo, 2010:48). Neste sentido, sendo o cinema, segundo Canudo, uma arte de fusão, este envolve-se numa esfera de legitimidade artística e cultural. Canudo aponta ainda a natureza específica do cinema, que é a de produzir um mundo imaterial (Grilo, 2010:49)." (Lourenço, 2016: 29).

## **2.1. O Jornalismo de Cinema**

Este tipo de jornalismo é, considerado neste relatório, como uma subcategoria do jornalismo cultural. É um tipo de jornalismo focado e feito mais a pensar na atualidade, como o próprio nome indica, aborda todas as temáticas relacionadas com o cinema, desde os filmes até aos atores e realizadores. É frequente vermos notícias sobre estreias de novos filmes, entrevistas com atores e realizadores sobre o seu trabalho, peças a divulgar novos lançamentos de *trailers*, artigos bibliográficos sobre pessoas do meio ou, até mesmo, perfis.

Segundo Jaime Lourenço e Filipa Subtil, no seu estudo "*Tendências e desafios do jornalismo de cinema na televisão portuguesa: o caso do Cinebox*", "Do ponto de vista empresarial, o jornalismo de cinema tem sido visto como o espaço de divulgação do cinema comercial uma vez que é aquele que proporciona mais audiências.

Embora, tal como neste relatório, numa grande maioria, seja visto como uma subcategoria do jornalismo cultural, há também quem defenda uma ideologia divergente no que toca ao estatuto do jornalismo de cinema, "defendendo que o jornalismo de cinema não pode ser analisado como um simples subgénero do jornalismo cultural, mas que este constrói a sua própria identidade (Andrade, 2010:66). Para Andrade (2010), jornalismo de cinema é o “termo que abrange todos os profissionais envolvidos permanentemente na cobertura jornalística de cinema, a torná-la independente do dito jornalismo cultural” (Andrade, 2010:26). (...) Andrade (2010) entende que o jornalismo de cinema “angariou o seu próprio espaço, a se desvencilhar das limitações

espaciais e cognitivas do jornalismo cultural" (Lourenço, 2016: 46). Há, ainda, quem defenda que o jornalismo de cinema passou a ser um adversário para o jornalismo cultural e compete com este em questão de audiências.

### **2.1.1. A História do Jornalismo de Cinema**

Não foi só o jornalismo que inspirou o cinema, o próprio cinema acabou por inspirar o jornalismo e assim nasce esta subcategoria do jornalismo cultural. As primeiras "luzes" remontam ao séc. XIX, dado que, depois da sua primeira projeção, os irmãos Lumière começaram a circular pela Europa de forma a registarem acontecimentos vários que se destinavam a cinejornais, nada comparado com o que é hoje considerado jornalismo de cinema, "Este surge aquando das primeiras manifestações do pensamento cinematográfico crítico. A França é o centro cultural que mais coopera neste sentido, uma vez que foi lá que apareceram as primeiras publicações especializadas, os primeiros críticos de cinema, e anos mais tarde, a publicação especializada em cinema mais significativa do jornalismo de cinema: a *Cahiers du Cinéma*. (...) Em França, foram instituídos os cineclubes que fomentavam a reflexão crítica juntamente com a visualização dos filmes, em exhibições acompanhadas por espaços de debate." (Lourenço, 2016: 38).

"A revista *Cahiers du Cinéma* foi das primeiras publicações a adoptar "um novo modelo de texto crítico, mais realista e menos subjectivo que o tinha sido utilizado até à data, o modelo norte-americano" (Lourenço, 2016: 41). Este novo modelo de crítica era mais objetivo e focado no conteúdo da própria criação artística. "Deste modo, a crítica de cinema da década de 1950 quebrou com o modelo centrado na opinião do crítico." (Lourenço, 2016: 41).

Em Portugal, no entanto, a história é diferente. Ao contrário de França e dos Estados Unidos, por cá só começaram a existir salas de cinema na década de 1920, tendo principal destaque, em 1924, a construção do Tivoli na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Só a partir de 1927 é que começaram a construir salas de cinema no resto do país.

Como explica Jaime Lourenço, "É neste contexto que começa a sobressair um interesse pelo cinema com o aparecimento dos primeiros filmes, das primeiras empresas de cinema e consequentemente das primeiras

publicações focadas no jornalismo de cinema no país como o *Porto Cinematográfico* (1919), *Espectáculo* (1927) ou *Aquila* (1929-1930). (...) Também na imprensa generalista, o cinema começava a ganhar expressão." (Lourenço, 2016: 47).

No que diz respeito à crítica de cinema, "a década de 60 tornou-se um período de mudança, influenciada pelo trabalho das revistas francesas como a *Cahiers du Cinéma*." (Lourenço, 2016: 49).

"Na última década, também se observaram alterações significativas neste âmbito. Em 2011, o jornalismo de cinema português viveu um singular período. Num momento súbito, passaram a circular quatro revistas especializadas em cinema no país. A *Premiere*, no mercado desde 1999, foi durante grande parte da sua existência a única publicação especializada em cinema em Portugal. (...) Em 2010, surgiu a primeira concorrente directa, a *Magazine HD*, que além do cinema se focava também na televisão, vídeo, novas tecnologias, jogos e consolas. Em Abril de 2011, surge a *Total Film*, a versão portuguesa da revista americana de cinema mais vendida no mundo. No mesmo mês aparece também a versão portuguesa da publicação especializada em cinema mais vendida no mundo, a britânica *Empire*. Em menos de um ano, a *Total Film* encerra, em Outubro de 2011, tendo editado apenas cinco números, seguindo-se a *Premiere*, que encerra em Dezembro de 2011, ao fim de 12 anos no mercado português. Como é referido no website: <http://www.cinema7arte.com/site/?p=463>. A *Magazine HD* também deixou de ser publicada, mantendo-se actualmente como website de divulgação, maioritariamente sobre os temas cinema e televisão. Em 2014, também a revista *Empire* deixou de ser publicada em Julho, tendo-se mantido no mercado por 39 números mensais. Desta forma, Portugal deixou de ter uma publicação especializada em cinema. (...)

Também no panorama televisivo existiram algumas alterações significativas como a suspensão do programa *35mm* (em antena desde Maio de 2003) de Mário Augusto na SICNotícias e nos Canais Lusomundo em 2010. (...)

Na televisão portuguesa, os programas especializados em cinema que se mantêm são *Janela Indiscreta*, transmitido na RTP1, (...) o *Cinebox*, transmitido na TVI24, o *Cinetendinha*, na SICRadical, um magazine de entretenimento focado no cinema, conduzido por Rui Pedro Tendinha." (Lourenço, 2016: 50). Falta

ainda juntar a estes exemplos de programas televisivos sobre cinema o "Cartaz Cinema" da SIC Notícias.

### **3. Tendências do Jornalismo de Cinema**

#### **3.1. O Cinema na Imprensa**

"No sector cinematográfico há que destacar o facto de todas as semanas estrearem novos filmes, o que ocupa um espaço significativo dos media, em função da agenda de estreias. Segundo os resultados do projecto *A Cultura na Primeira Página*, que analisou as primeiras páginas dos jornais portugueses entre 2000 e 2010, o cinema é o segundo tema cultural dominante nas primeiras páginas dos jornais portugueses com 20% do total. O primeiro lugar é ocupado pela música com 27%. Relativamente a protagonistas culturais, os cineastas surgem em terceiro lugar com 10% seguidos pelos actores com 9%." (Lourenço, 2016: 52).

#### **3.2. O Monopólio da Agenda**

Hoje em dia o jornalismo cultural rege-se muito pela Agenda, uma vez que se torna mais fácil ter acesso a conteúdos. "Actualmente, “uma das críticas mais frequentes ao jornalismo cultural (e seus editores) é a cobertura praticamente exclusiva das agendas de eventos e a consequente ausência de conteúdos fora do cartaz” (Santos Silva, 2012:96). Santos Silva acrescenta, ainda, a facilidade em cobrir estes temas, uma vez que chegam com antecedência às redacções, acompanhados com fotografias de grande qualidade enviadas pelas agências de comunicação. Esta cobertura jornalística favorece assuntos relacionados com celebridades do meio artístico, uma vez que há facilidade em obter essas informações, como também pelo interesse do público nestas matérias, fomentado em grande medida pelas distribuidoras e pelos estúdios." (Lourenço, 2016: 52).

"Da mesma opinião é Teresa Maia Carmo (2006) que refere que o marketing agressivo das indústrias culturais como as grandes distribuidoras de cinema influencia as secções de cultura, muito transformadas em canais de divulgação da sua agenda, conferindo um espaço progressivamente menor à crítica especializada e ao ensaio (Carmo, 2006). (...) Teresa Maia do Carmo também aborda esta relação entre o jornalista e o assessor de imprensa, recordando que a mistura entre promoção e jornalismo é um dado dos tempos,

pois o especialista de marketing e o jornalista cultural estudam nas mesmas universidades (Carmo, 2006).

Ribeiro (2008) vem clarificar a relação que se estabelece entre jornalistas e assessores de imprensa, quando afirma que ambas as partes precisam uma da outra. “Há uma espécie de aliança, uma troca de favores – os primeiros precisam das fontes e os segundos de divulgar o seu produto” (Ribeiro, 2008:43). Desta forma, já percebemos que as assessorias de imprensa têm um papel crucial na divulgação mediática, no entanto, a responsabilidade passa para os jornalistas culturais e respectivas editoriais, pois a sua função é seleccionar, segundo os critérios de relevância e interesse para o público.” (Lourenço, 2016: 53).

"No caso concreto do jornalismo de cinema em Portugal, por força da pressão mercantil em alcançar a maior audiência possível, pela escassez de recursos humanos, pela fragilidade do sistema mediático português e por esta não ser uma área de grande investimento, o jornalista ou o órgão de comunicação têm um papel praticamente passivo perante a agenda que é estabelecida pelos estúdios e distribuidoras. É a estas que cabe agendarem a data de estreia dos filmes, o lançamento de materiais promocionais como *trailers* ou *featurettes* e organizar e gerir eventos de antestreias e conferências de imprensa com os actores e realizadores. O próprio calendário de eventos do universo cinematográfico é constante ao longo dos anos com uma estrutura praticamente cíclica. Deste modo, o jornalista de cinema está confinado a uma agenda que é determinada na sua quase totalidade pela indústria. Mais do que um jornalismo de cinema, improvavelmente é mais acertado falar de um jornalismo de divulgação de cinema." (Lourenço, 2016: 54).

### **3.3. A Era do Digital**

Com o aparecimento da Internet e das Redes Sociais, o conteúdo das produções impressas transita para o mundo digital, originando novas maneiras de produzir e divulgar as informações jornalísticas. Surgem novos formatos, "como o vídeo, a imagem, o armazenamento de dados, o jornalismo participativo, os blogues, etc. Neste sentido, o jornalismo de cinema passou a ter muitos “adversários”, como os sites, os blogues não jornalísticos, que produzem informação cultural." (Lourenço, 2016: 58).



"Com a digitalização dos média assistiu-se a uma grande mudança no paradigma cultural e consequentemente neste jornalismo especializado. Assim como o jornalismo em geral, o jornalismo cultural teve de encontrar soluções para a nova linguagem digital, de carácter multimédia e instantâneo. Na era digital o crítico é posto em causa num mar onde abundam opiniões." (Robert, 2018: 20).

"Dora Santos Silva (2015) refere o estudo da investigadora brasileira Geane Alzamora, que defende que a emergência da Internet veio provocar uma expansão no campo do jornalismo cultural devido a transformações a nível da comunicação e das mudanças culturais ocorridas. Esta investigadora identifica três paradigmas sobre a informação cultural que circula na Internet:

a) Os *websites* dos meios de comunicação que existem no mercado, tanto na imprensa, como na rádio ou na televisão (por exemplo os *websites* da revista *Empire*, da revista *Total Film* ou o *website Cinemax* da RTP);

b) Publicações não-jornalísticas que cumprem a função tradicional jornalística tais como *websites* que disponibilizam de forma gratuita o cartaz de estreias, crítica de filmes. No entanto, "embora esses formatos não sejam necessariamente jornalísticos, a verdade é que cumprem algumas funções jornalísticas tradicionais" (Santos Silva, 2012:93);

c) Os blogues são um género híbrido de comunicação que se situam entre as esferas da escrita pessoal, do jornalismo e da literatura, recusando os parâmetros editoriais do jornalismo e misturando elementos de comunicação de massas, pessoal e comunidade" (Lourenço, 2016: 58).

"Os desafios e as oportunidades do jornalismo de cinema são similares ao que o jornalismo cultural atravessa de uma forma geral. Na era digital, o jornalismo de cinema pode claramente beneficiar no que toca à multimedialidade com a possibilidade de fazer acompanhar o texto com *trailers* ou outros elementos multimédia no online. As possibilidades de *storytelling*, distribuição, inovação e interatividade são quase infinitas. A lista de oportunidades é vasta, mas como constatado anteriormente, com tamanha gama de possibilidades vêm grandes responsabilidades como a necessidade de um maior filtro de informação, construção de críticas (tão essenciais neste campo do jornalismo cultural) completas e estruturadas, bom uso das ferramentas digitais, entre outras." (Robert, 2018: 26).

"Deste modo, na discussão sobre o jornalismo cultural num ambiente digital há duas abordagens distintas. Por um lado, destaca-se o potencial que o jornalismo digital representa, tanto a nível do *storytelling*, da distribuição, do público e da inovação para a cultura. Por outro, é referida uma incerteza e uma crise da profissão e do sector provocada pelo contexto digital (Santos Silva, 2015:72).

Outra das consequências apontadas para este fenómeno é a alteração do comportamento dos leitores/espectadores, principalmente no campo cultural, em que estes participam de uma forma mais activa (Santos Silva, 2015:73), o que se reflecte ser uma mudança profunda, pois num ambiente não-digital o comportamento dos leitores/espectadores seria passivo e os jornalistas culturais seriam os principais intermediários da cultura. Hoje, qualquer pessoa pode enviar e partilhar conteúdos sobre cultura (Santos Silva, 2015:73).

## **CAPÍTULO III: Investigação e Abordagem Metodológica**

### **1. OBJETIVO E PERTINÊNCIA DO TEMA**

Durante o período de estágio a passagem pelo "Primeiro Jornal" e pela editoria de Cultura levou a um entendimento sobre como realmente se faz televisão. Dado o fascínio pela área de cultura, mais especificamente pelo cinema, julgou-se apropriado a análise do jornalismo cultural televisivo com foco apenas no cinema. Neste relatório de estágio, pretende-se analisar a cobertura do cinema ao longo de três meses no programa "Cartaz" da SIC Notícias que passa de segunda a sexta às 14h30. Para este trabalho foram excluídos os programas "Cartaz Cultural" que passa semanalmente na SIC, o "Cartaz Cinema" que conta com a participação do crítico João Lopes e é também semanal e o "Cartaz de Fim de Semana" que passa ao sábado e domingo na SIC Notícias. O objetivo principal é perceber como é feita a cobertura deste subgénero do jornalismo cultural e entender qual a importância deste no meio televisivo.

Sendo este um tema ainda pouco explorado, uma vez que o jornalismo de cinema é, atualmente, um subgénero com estudos em desenvolvimento e o jornalismo cultural é um género ainda bastante subvalorizado, a finalidade desta análise é, também, contribuir para o crescimento da área e da investigação sobre cinema. Para tal, coloca-se a seguinte questão de partida:

- Como é feita a cobertura do cinema no programa "Cartaz" da SIC Notícias?

#### **1.1 Questões de Investigação**

De forma a responder à pergunta acima referida, o corrente estudo pretende responder a quatro subquestões de investigação:

1. Qual é a importância dada ao cinema, em comparação com outras áreas culturais cobertas pelo programa "Cartaz" da SIC Notícias?

2. Quais são as características editoriais da cobertura do cinema, no que respeita ao valor-notícia e ângulo de abordagem predominantes, bem como ao género jornalístico?
3. Que cinema é valorizado pelo programa, no que respeita à sua origem e género cinematográfico?
4. No seio da cobertura de cinema, que subtemas são mais explorados pelo programa?

## **2. METODOLOGIA**

De forma a encontrar resposta para as questões acima colocadas desenvolveu-se uma metodologia mista constituída por uma análise de conteúdo (abordagem quantitativa) e entrevistas (abordagem qualitativa). Ambas foram complementadas pela observação durante o período de estágio.

### **2.1. Corpus**

A análise de conteúdo do programa "Cartaz" foi feita ao longo de três meses, entre fevereiro de 2019 e abril de 2019, num total de 56 programas de, em média, 16 minutos. Cada programa passa, em média, 5/6 peças.

A escolha destes meses prende-se com o facto de terem acontecido festivais de cinema durante esta altura e, também, por serem os meses em que não existem festivais de música e desta forma temos uma análise mais perto da realidade, uma vez que durante a época dos chamados "festivais de verão" o destaque é dado à música, visto que a SIC é quem faz a cobertura de muitos desses festivais. Outro fator que limitou a amostra, inicialmente pensada para ser de seis meses, começando em novembro de 2018 foi a falta de programas disponibilizados no website do canal, uma vez que não existiam os programas na íntegra de fevereiro para trás, nem de abril para a frente.

### **2.2. Variáveis de análise**

As variáveis usadas para analisar os três meses de programas foram o número total de peças de cultura transmitidas no "Cartaz"; os géneros jornalísticos mais comuns na cobertura de cinema; os valores-notícia mais

realçados no cinema; o foco principal das peças; os géneros cinematográficos abordados e a localização das peças.

### **Temas abordados no "Cartaz" ao longo do período de análise**

<b>Temas</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Total</b>
Artes visuais	4	3	5	12
Cinema	20	18	19	57
Dança	2	1	2	5
Exposições	4	6	2	12
Livros	8	9	11	28
Museus	4	1	4	9
Música	44	49	41	134
Outros	4	12	10	26
Teatro	8	15	3	26

**Tabela 1**

### **Localização, Género Cinematográfico e Géneros Jornalísticos**

<b>Local</b>	<b>Nº de Peças</b>
EUA	17
Portugal	14
Europa	8
Outros	2

**Tabela 2**

<b>Género</b>	<b>Nº de Peças</b>
Animação	9
Sci-Fi	2
Ação	4
Documentário	4
Drama	10
Fantasia	3
Comédia	2

**Tabela 3**

<b>Género Jornalístico</b>	<b>Nº de Peças</b>
Notícia	51
Reportagem	1
Entrevista	3

**Tabela 4**

Nas tabelas acima é possível verificar todas as variáveis de análise usadas nesta análise. Na primeira tabela temos a análise cultural a todas as peças que passaram no programa ao longo do período escolhido.

Nas três tabelas seguintes temos a análise específica às peças de cinema no que toca a género jornalístico, género cinematográfico e localização do conteúdo das peças, ou seja, o sítio onde acontece o que está a ser noticiado.

### **2.3. Entrevistas semi-estruturadas**

Para complementar os dados recolhidos da análise de conteúdo, houve necessidade de entrevistar a Editora de Cultura, Graça Costa Pereira e uma jornalista, também, da equipa de Cultura, Iryna Shev, dado que era importante ter o parecer de pessoas especializadas na área do jornalismo cultural. As entrevistas foram feitas nos dias 10 e 16 de julho de 2019.

## **CAPÍTULO IV: Apresentação e discussão de resultados**

### **1. Perfil do "Cartaz"**

Criado por Graça Costa Pereira, o "Cartaz" surge em 2003 como um bloco de seis minutos integrando a Edição da Noite da SIC Notícias e apresentado por Sofia Cerveira.

"Em 2003 desafiei-me a fazer um bloco chamado "Cartaz" na Edição da Noite, o que significa que era uma coisa que dava depois da meia-noite, em direto, na altura era apresentado pela Sofia Cerveira, portanto nota-se aqui uma evolução até no modelo e na forma porque, se pensares que as apresentadoras na Cultura eram a Bárbara (Guimarães), a Sofia, que não eram jornalistas, portanto era dar ali um toque de entretenimento na antena. (...) portanto eu (...) criei esse programa que era uma coisa minimalista que começou com seis minutos."

Este bloco foi crescendo até se tornar no "Cartaz" que conhecemos e, hoje em dia, é um programa que se tornou uma imagem de marca da SIC e SIC Notícias. A editora de cultura da SIC explica que é dos programas de cultura mais antigos na televisão nacional: "é provavelmente o programa de Cultura no ar, todos os dias, sem interrupção, há mais tempo. Eu digo provavelmente porque não quero estar a dizer nenhuma barbaridade, mas ele está no ar desde dois mil e três, neste momento tem edições diárias."<sup>20</sup>

Para além do programa em direto que passa todos os dias na SIC Notícias, o "Cartaz" alargou-se para mais horários, explica Graça Costa Pereira: "Normalmente todos os dias da semana fazemos ali às 14h30 cerca de 17/18 minutos em direto, gravamos um programa de 12 que passa à uma e meia da manhã todos os dias, temos um "Cartaz" que é gravado para o fim-de-semana que são dez minutos e que passa várias vezes sábado e domingo; na SIC temos uma coisa chamada "Cartaz Cultural" que são 35 minutos semanalmente e temos nos jornais, sobretudo no "Jornal da Noite" uma presença praticamente diária na Cultura."<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Entrevista à Editora de Cultura da SIC

<sup>21</sup> Entrevista à Editora de Cultura da SIC

O "Cartaz" começa habitualmente com uma peça ou um OFF sobre as novidades ou notícias mais importantes do dia, segue-se a apresentação do convidado(a) e depois a entrevista que, por norma, dura até 8 minutos e, depois, no fim da entrevista passam as peças que estão programadas. Normalmente cada peça tem uma duração de 2 minutos, exceccionalmente passam peças com 3 ou 4 minutos se se justificar e, em média, passam 5/6 peças por programa.

### Peças no Cartaz

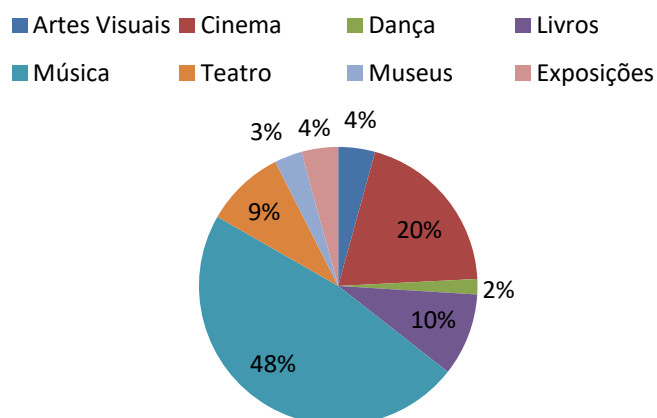


Gráfico 1

### Áreas culturais cobertas

Este gráfico mostra a relação entre o número total de peças de cultura transmitidas e a quantidade de peças de cada área constituinte do género, durante o período em análise (os três meses anteriormente referidos).

Num total de 308 peças de jornalismo cultural, é possível evidenciar que as áreas onde o programa mais aposta são o cinema, com 20% das peças, e a música, com 48% das peças, seguindo-se a literatura (livros), com 10%, e o teatro, com 9%. Graça Costa Pereira justifica esta aposta como sendo as áreas a que o público mais adere: "O cinema e a música são muito privilegiados em televisão, porque são os que mais facilmente têm imagens, são aqueles que têm também mais público e, portanto, em termos de assunto *mainstream* é muito mais apetecível do que se for uma peça de teatro ou uma exposição, estou a falar



em termos daquilo que é "comprável" em termos jornalísticos pelo público e, felizmente ou infelizmente, é factual, as pessoas respondem muito bem quer ao cinema, quer à música".<sup>22</sup>

Também se pode notar através do gráfico que as áreas como as artes visuais, a dança, as exposições e os museus são os que têm menos realce.

Assim, pode-se concluir que o cinema é a segunda área em que o programa mais aposta, sendo a primeira a música. Isto prende-se muito ao facto de, em televisão, ser preciso ilustrar tudo aquilo que vai para o ar com imagens alusivas ao tema que é falado.

Em relação ao cinema e à música esta ilustração é sempre mais fácil de fazer. No caso da música existem quase sempre videoclips ou imagens dos concertos para poder ilustrar as peças.

No caso do cinema, sendo esta uma arte que fala por imagens, há sempre *trailers*, excertos dos filmes e, em certos casos, imagens dos atores a darem vida ao filme.

Graça Costa Pereira explica esta dificuldade no que toca ao material fornecido: "é um problema nos filmes portugueses, porque nem sempre temos material suficiente para fazer peças mais compostas, enquanto eu, vamos imaginar, tenho agora a estreia d'O Rei Leão", por exemplo, (...) e vou ter, de certeza, acesso a clipes, além do *trailer*, muitas vezes tenho acesso a coisas de bastidores e, portanto, quanto mais material eu tiver, mais depressa eu digo vamos fazer peça sobre isto."<sup>23</sup>

Já no que toca a literatura, dança e teatro essa ilustração é sempre mais difícil. Na literatura não há imagens que sejam "fáceis de vender" porque quando se fala de um livro só se pode captar imagens desse mesmo livro, o que não é algo muito apetecível para o público. No teatro e na dança não é tão difícil como na literatura mas, mesmo assim, é sempre algo mais condicionado porque ao falar de um espetáculo em específico é preciso ir ao local de ensaios e captar imagens no momento, o que nem sempre é concretizável, seja por motivos de agenda do próprio canal ou mesmo da companhia/teatro que está a levar a cabo o espetáculo.

---

<sup>22</sup> Entrevista à Editora de Cultura da SIC

<sup>23</sup> Entrevista à Editora de Cultura da SIC

## Temas Abordados no Cinema

■ Prémios/Festivais de Cinema ■ Filmes  
■ Celebidades ■ Divulgação de Trailer

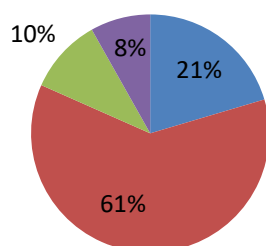


Gráfico 2

Neste gráfico, podemos observar quais os temas predominantes nas peças de cinema. No programa, o destaque maior é dado às estreias dos filmes (secção filmes), seguindo-se os festivais e prémios de cinema como os Óscares, por exemplo. Também estão presentes peças sobre atores e realizadores (secção celebridades), embora em minoria e, aquele que tem menos destaque, é o lançamento de novos *trailers*. Nesta questão dos *trailers*, até faz algum sentido que não lhes seja dado destaque, uma vez que, quando é feita uma peça sobre um filme, essa peça é lustrada com o *trailer*, por isso não há necessidade de dar destaque isolado a este segmento, visto que esse destaque já é dado quando se fala no filme em si.

## Géneros cinematográficos abordados no "Cartaz"

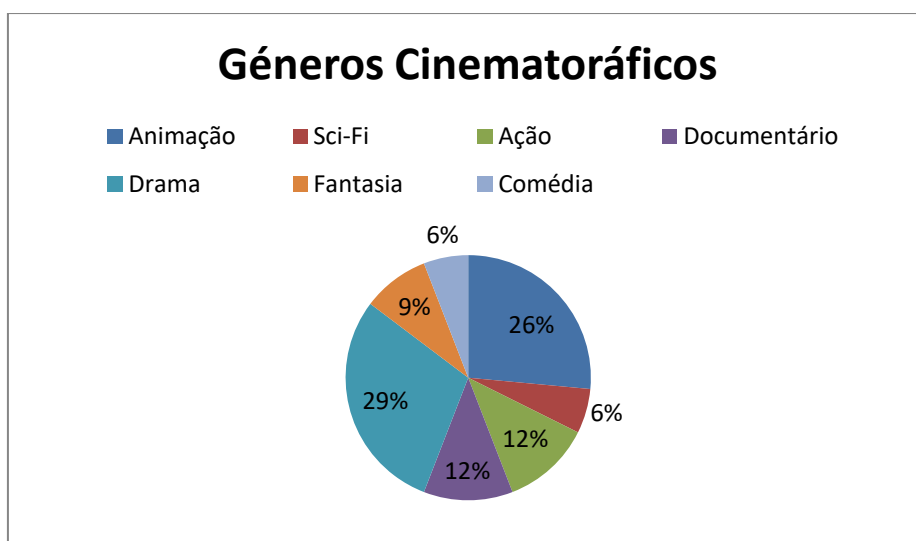


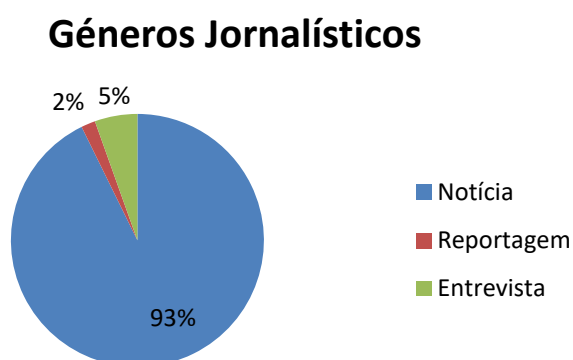
Gráfico 3

Através deste gráfico podemos observar os vários géneros cinematográficos que são abordados em peças sobre cinema no "Cartaz". É notório que a maior percentagem de peças feitas é sobre filmes de drama e animação, seguidos de ação e documentário. Claro que esta amostra reflete apenas o conteúdo dos três meses analisados e não é o cenário global do programa.

Esta maioria de filmes de drama e animação pode ser causada por serem os géneros que mais apelam ao interesse do espectador a nível de imagem e, também, por serem muitas vezes aqueles que têm mais material disponível para enviar à comunicação social, de forma a mostrar o que trata o filme e a poder ser feita uma peça. Graça Costa Pereira explica que "Depende, às vezes, do material que nos é dado (...) e, obviamente também, temos noção se estreia um "Star Wars" eu não posso falhar, portanto, são coisas que também é quase uma obrigação editorial e deixa-nos margem para fazer um bocadinho de tudo, no fundo."

Outra justificação para este resultado é o facto de, durante o período em análise, a maioria das estreias terem sido filmes de animação, como o "Dragonball Super Broly", "O Filme Lego 2" e "Missing Link", e de drama, como "Kursk", "After" e "Menina", o que faz com que os resultados se alterem.

### ***Géneros jornalísticos usados***



**Gráfico 4**

Este gráfico mostra que o género jornalístico mais utilizado é, sem sombra de dúvida, a notícia. Isto refere-se às peças que passam no "Cartaz", porque se analisarmos também as entrevistas, não são tão poucas quanto a

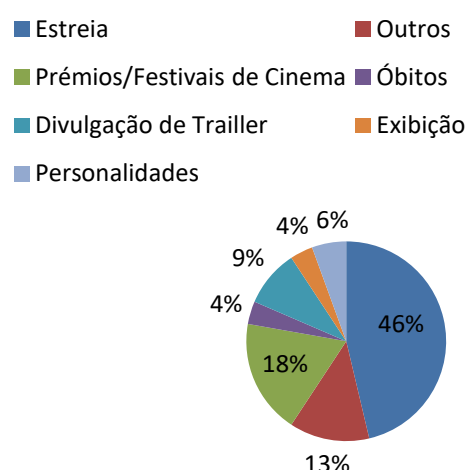
contabilização que aparece no gráfico uma vez que o programa é transmitido em direto e tem sempre um convidado que é entrevistado. Neste caso, no espaço de tempo analisado, o destaque dado a entrevistas sobre cinema não foi muito pois não houve muitos convidados dessa área na altura.

A aposta é feita na notícia muito devido ao conteúdo que há para apresentar que, como podemos observar no gráfico seguinte, são na sua maioria estreias de filmes. Por isso, a aposta do "Cartaz" é numa peça onde se possa mostrar bastantes partes do *Trailer* e intercalá-las com excertos de entrevistas feitas aos atores e realizadores (os chamados TH's), onde se explique a história do filme sem revelar demasiado e onde se aguce o interesse do telespectador.

Neste gráfico não está englobado o género da crítica, uma vez que esta análise é exclusivamente do "Cartaz". No programa "Cartaz Cinema", que conta com a colaboração do crítico João Lopes, esse é o género principal, por isso, esse programa é dedicado exclusivamente à crítica e o "Cartaz" dedica-se a outros géneros jornalísticos.

### ***Valores-Notícia Predominantes***

#### **Valores-Notícia**



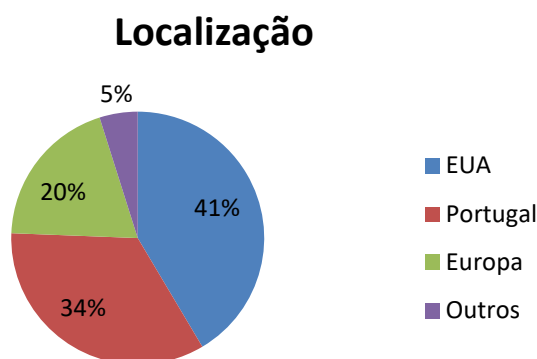
**Gráfico 5**

No caso do "Cartaz", os principais valores notícia, no que toca ao cinema, são as estreias de filmes e os festivais de cinema e entrega de prémios. O foco da maioria das peças de cinema é a estreia de um filme, seja nos Estados Unidos ou em Portugal, ou algo relacionado com essa estreia, como por exemplo uma sessão de autógrafos (englobadas no segmento "outros"). Por norma, o destaque

é dado a filmes que irão estreiar brevemente ou que estrearam no dia, de forma a manter sempre a atualidade. No período em análise foram feitas peças sobre estreias de filmes como "Hellboy", o famoso anime "Dragonball Super Broly", o filme português "Diamantino" e, também português, "Solum" realizado e protagonizado por Diogo Morgado, o aguardado "O Filme Lego 2", o esperado remake da Disney "Dumbo", o filme de animação "Missing Link" que conta com a voz de Hugh Jackman e o tão desejado final da saga "Avengers: Endgame".

Seguindo-se às estreias e prémios, o programa dá também destaque, embora em muito menor quantidade, à divulgação de novos *Trailers*, personalidades (atores, realizadores, etc...), exposições (neste segmento englobam-se exposições e museus dedicados a filmes) e, como não poderia faltar, os óbitos de pessoas famosas no mundo do cinema.

### ***Área de Localização das Peças***



**Gráfico 6**

No que toca à localização do que é noticiado, os Estados Unidos são o país que lidera. No entanto Portugal vem logo de seguida e com pouca diferença. Isto deve-se ao facto de serem produzidos e lançados, por mês, muito mais filmes nos Estados Unidos do que em Portugal, uma vez que a capacidade de produção e de investimento não tem comparação entre ambos os países. No entanto, a editora de Cultura dá sempre preferência a filmes portugueses que vão para salas de cinema, daí a pouca diferença entre os filmes americanos noticiados e os portugueses.

"Eu tenho um princípio de tentar fazer todos os filmes portugueses, o mais possível, enfim, às vezes se forem coisas de estudantes ou isso, obviamente é ouro território, mas coisas que vão para sala, eu tento sempre dar protagonismo

aos filmes portugueses independentemente se é o meu gosto ou não, isso aí não interessa absolutamente nada, aliás isso é válido obviamente para os outros também", diz Graça Costa Pereira.<sup>24</sup>

No "Cartaz" o foco das notícias é, por norma, um acontecimento como estreias, festivais e prémios, tendo também destaque os lançamentos de novos *trailers* antes das estreias. Atores e realizadores ou questões sobre banda sonora não são os focos mais privilegiados neste programa, embora também haja notícias sobre isso quando se justifica ou quando há interesse nesse tipo de temas

---

<sup>24</sup> Entrevista à Editora de Cultura da SIC

## CONCLUSÃO

Este relatório de estágio teve como objetivo perceber a importância do jornalismo de cinema no canal SIC Notícias e, analisar a cobertura de cinema feita pelo programa cultural "Cartaz", que se dedica a todos os temas da cultura.

A definição de jornalismo cultural, como se pôde verificar, "apresenta o mesmo problema que a cultura no que toca à sua definição concreta. É tema de vários estudos e é também objeto de grande evolução." (Robert, 2018: 5), ou seja, quer na cultura, quer no jornalismo cultural, não há uma definição concreta. Isto porque este conceito está intrinsecamente ligado ao conceito de cultura e, ambos servem vários propósitos e abordam vários temas, como defendem alguns autores.

Pudemos também ver que esta área do jornalismo, sobretudo em Portugal, é ainda bastante desvalorizada, ao contrário do que acontece em vários países. Os próprios jornalistas do meio não estão de acordo em relação a esta valorização, alguns defendem que o jornalismo cultural é bastante importante e, como tal, merece destaque e, outros defendem que jornalismo cultural é um assunto "leve" e que, portanto, não merece tanto destaque como a política ou a economia. Esta visão acaba por estar diretamente ligada à visão que se tem da cultura, que, infelizmente, ainda é desvalorizada e marginalizada, até mesmo em questões de Orçamento de Estado. A cultura é vista como algo "descartável" quando comparada com outras questões.

Dentro do jornalismo cultural temos vários géneros jornalísticos utilizados para levar a informação ao público. Foi possível perceber que a crítica é o género jornalístico que mais caracteriza esta área do jornalismo.

Neste capítulo é ainda abordado o cinema e a sua história, assim como o jornalismo de cinema, área ainda pouco explorada em Portugal em termos de estudos, o que torna mais difícil e, ao mesmo tempo, desafiante a tarefa de fazer um relatório sobre o tema. O jornalismo de cinema, em Portugal, passou por várias fases e há duas visões sobre este tipo de jornalismo. A primeira, defende que este é um subgénero do jornalismo cultural, tal como o jornalismo de música. Enquanto a segunda, defende que este "constrói a sua própria identidade" (Andrade, 2010: 66) e, assim, se torna um género individual como todos os outros.

É, também, possível perceber que este género é visto como um espaço de divulgação do cinema comercial, sendo aquele que propicia mais audiências e que se rege muito em função da agenda, em vez de explorar conteúdos fora do cartaz. Este é um dos géneros mais noticiados em Portugal, a par da música.

Aborda-se ainda o impacto que o digital teve sobre o jornalismo, em especial o de cinema, visto que com o aparecimento da internet e das redes sociais, o papel do jornalista ficou mais complicado por dois motivos: o primeiro, porque o público é cada vez mais "apressado", as pessoas querem a informação ao minuto, exigem ter acesso a tudo no exato momento em que acontece; o segundo, porque com o aparecimento de blogues e sites informativos, que não são jornalísticos, o jornalista teve de se adaptar e criar novas estratégias para esta nova "linguagem digital", uma vez que é posto em causa pois toda a gente tem uma opinião a dar. No entanto, o jornalismo de cinema sai beneficiado com o aparecimento do digital, pois permite-lhe criar conteúdo diversificado e juntar imagens, *trailers*, bandas sonoras, etc... à sua publicação.

Com base na recolha e análise de dados alcançados neste trabalho, juntamente com as respostas dadas pela jornalista Iryna Shev e pela Editora de Cultura da SIC, Graça Costa Pereira, chegou-se às seguintes conclusões.

### **1. Qual é a importância dada ao cinema, em comparação com outras áreas culturais cobertas pelo programa “Cartaz” da SIC Notícias?**

No "Cartaz", passam peças de todos os géneros culturais e cada peça tem, em média, a duração de 2 minutos e meio. A música é a área cultural mais abordada (48%), seguida do cinema (20%). Neste caso, a importância que o "Cartaz" dá ao cinema é a mesma que dá à música, embora passem mais peças sobre música. Isto também se deve ao facto de existir um programa exclusivamente dedicado ao cinema, o "Cartaz Cinema", que conta com a participação do crítico João Lopes e aborda todo o tipo de filmes.

Deste modo, pode concluir-se que o cinema é uma área privilegiada no "Cartaz", em comparação com outras áreas, com exceção da música, o cinema é das áreas que tem mais peças a passar e da qual se explora mais.



## **2. Quais são as características editoriais da cobertura do cinema, no que respeita ao valor-notícia e ângulo de abordagem predominantes, bem como ao género jornalístico?**

No caso do cinema, as peças são, por norma, notícias. Também são feitas entrevistas em direto no programa quando há possibilidade. As peças de cinema, habitualmente, privilegiam as estreias (46%), os festivais de cinema e entregas de prémios (18%) e a divulgação de *Trailers* (9%).

Por norma, as peças são feitas maioritariamente em função do *Trailer* e imagens de bastidores e clipes, se houver. A peça começa com algumas imagens, seguindo-se a *voz-off*, para contextualizar a peça e, intercalado com as imagens do *Trailer*, vêm os TH's (Talking Heads) dos atores/realizadores a explicar a história do filme. No caso da divulgação de *Trailers*, por norma é feito um *OFF*, onde o/a pivô apresenta o novo *Trailer* e, depois apenas passam as imagens.

Se a peça for sobre uma entrega de prémios, normalmente, segue a mesma estrutura mas, em vez das imagens do *Trailer*, as imagens são da entrega de prémios e das pessoas premiadas, e os *TH's* são de quem recebeu prémios, a falar sobre isso, ou então não são usados.

## **3. Que cinema é valorizado pelo programa, no que respeita à sua origem e género cinematográfico?**

No "Cartaz" fala-se de todo o tipo de filmes. A maioria dos filmes abordados são americanos (41%), muito devido ao facto de a produção nos Estados Unidos ser extremamente maior do que em Portugal. No entanto, há um enorme esforço para tentar abordar todos os filmes nacionais (34%) que vão para as salas de cinema, como explica a editora de Cultura da SIC, Graça Costa Pereira, "eu tento sempre dar protagonismo aos filmes portugueses independentemente se é o meu gosto ou não, isso aí não interessa absolutamente nada, aliás isso é válido obviamente para os outros também."

Os géneros cinematográficos mais tratados são o drama (29%) e a animação (26%), seguidos da ação (12%). Estes números refletem a produção cinematográfica que existe, os filmes de drama, animação e ação são os mais rentáveis porque são os que chamam mais público, logo, são também os que arrecadam mais lucro de bilheteiras. Assim sendo, faz sentido que o programa dê mais destaque a estes géneros cinematográficos, uma vez que são os que trazem

mais audiências. No entanto, pode-se observar que a diferença entre o género de drama e o de animação não é grande. É possível concluir então, que não é feita distinção entre os filmes de animação e os de imagem real, são todos falados por igual.

#### **4. No seio da cobertura de cinema, que subtemas são mais explorados pelo programa?**

Na cobertura de cinema, os filmes são o assunto mais abordado (61%). Mas, para além destes, os assuntos mais explorados são os festivais de cinema (21%), a divulgação de *Traillers* (8%) e as celebridades ligadas ao mundo do cinema (10%). Há ainda, ocasionalmente, peças relacionadas com apoios dados às artes pelo Ministério da Cultura, ou estatísticas feitas sobre este tema, como por exemplo, a estatística feita sobre a afluência às salas de cinema.

É notório que o programa aposta mais nas estreias de filmes e divulgação de *Traillers*, uma vez que são os mais "apetecíveis" para o telespectador, por terem mais imagens. Mas, também, nos festivais de cinema e entregas de prémios e nas celebridades, porque são assuntos que interessam ao público e que, de outra forma, não é informação com um acesso tão facilitado como quando passa na televisão.

É importante referir que foram criadas estas 4 subperguntas, de modo a responder de forma mais específica à pergunta de investigação principal: **Como é feita a cobertura do cinema no programa "Cartaz" da SIC Notícias?**

Com base na recolha e análise de dados, com as respostas às entrevistas que foram feitas e juntamente com o resumo das respostas a estas 4 subperguntas, pode afirmar-se que o cinema é uma das áreas culturais mais privilegiadas neste programa. A abordagem aos filmes é feita através de, na sua maioria, notícias e com recurso aos *Traillers*, *TH's* dos atores/realizadores e de uma breve contextualização em *voz-off*. Há uma maior aposta nos filmes de drama, animação e ação, o que acaba por ser o reflexo da produção cinematográfica e do interesse do público.

Embora a maioria dos filmes noticiados sejam americanos, o "Cartaz" também aposta nos filmes nacionais, tentando noticiar todos aqueles que vão para as salas de cinema. Para além dos filmes, o programa aborda também os festivais de cinema e as entregas de prémios, assim como as celebridades.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Borges, C. (2017). *O jornalismo de proximidade na televisão nacional: O caso da SIC*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Costa, D. (2011). *Análise de critérios editoriais e comparação de alinhamentos: A TVI e o jogo das audiências..* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

de Barros Laraia, R. (2009). *Cultura: Um Conceito Antropológico*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Dias, A. (2017). *Análise da cobertura de música pelo jornal Público*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Eliot, T. (2010). *Notes Towards the Definition of Culture*. Londres: Faber and Faber Ltd.

Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. [online] Labcom-ifp.ubi.pt. Obtido de: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim\\_anabela\\_manual\\_jornalismo.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf)

Kovach, B. e Rosenstiel, T. (2001). *Os Elementos do Jornalismo*. Porto Editora.

Lima dos Santos, M. (n.d.). [online] Analisesocial.ics.ul.pt. Obtido de: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223031340N1gDW0zb2Gm99PA2.pdf>

Lourenço, J. (2016). *Um olhar sobre o jornalismo de cinema na televisão portuguesa: O caso do Cinebox da TVI24*. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa.

Lourenço, J. e Subtil, F. (2017). *Tendências e desafios do jornalismo de cinema na televisão portuguesa: o caso do Cinebox*. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa.

Pedro Sousa, J. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. [online] Bocc.ubi.pt. Obtido de: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>

Robert, S. (2018). *O Jornalismo Cultural do PÚBLICO na Era Digital*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Rossi, C. (2012). *O Que É Jornalismo*. 11ª ed. São Paulo: editora brasiliense.

Salvador Faro, J. (2014). *Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura*. Buqui.

Santos Silva, D. (2009). Tendências do jornalismo cultural em Portugal. In *Anexo dos Congressos 6º SOPCOM/8º LUSOCOM* (pp. 91-106).

Santos Silva, D. (2009). *A Cultura no Jornalismo Cultural – Contributos para uma Redefinição e Ampliação do Jornalismo Cultural Português, no Contexto das Indústrias Culturais e Criativas*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Santos Silva, D. (2011). *Possibilidades políticas do jornalismo cultural digital na perspectiva da democracia deliberativa*.

Santos Silva, D. (2012). *Cultura e Jornalismo Cultural*. 1st ed. Mediaxxi | Formalpress.

Santos Silva, D. (2014). *Aproveitamento das potencialidades dos dispositivos móveis pelas revistas impressas*.

Santos Silva, D. (2016). *As bases do jornalismo intercultural em ambiente digital*.

Santos Silva, D. e Baptista, C. (2013). *Cultura na Primeira Página*. SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.

Santos Silva, D. e Torres da Silva, M. (2014). *Trends and transformations within cultural journalism*.

SIC Notícias. (2019). *Cartaz*. [online] Obtido de: <https://sicnoticias.pt/programas/cartaz>

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Número de peças por área cultural .....	39
Tabela 2 - Localização do assunto das peças .....	39
Tabela 3 - Géneros Cinematográficos .....	39
Tabela 4 - Géneros Jornalísticos .....	39

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Peças no "Cartaz" .....	42
Gráfico 2 - Temas abordados no Cinema.....	44
Gráfico 3 - Géneros cinematográficos .....	44
Gráfico 4 - Género jornalísticos .....	45
Gráfico 5 - Valores-Notícia .....	46
Gráfico 6 - Localização .....	47



## **ANEXO A:**

### **Lista de Peças Feitas na Editoria de Cultura**

1- Exposição Michael Jackson "On The Wall" na Alemanha

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-25-Michael-Jackson-On-the-Wall-na-Alemanha>

2- Celebração dos 30 anos d'A Pequena Sereia"

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-21-A-Pequena-Sereia-ja-faz-30-anos>

3- Estreia do remake em imagem real "Dumbo"

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-17-Dumbo-chega-aos-cinemas-portugueses-a-28-de-marco>

4- "Canções de Roda, Lengalengas e Outras Que Tais" apresentação do álbum/livro

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-17-Cancoes-de-Roda-Lengalengas-e-Outras-que-Tais-um-album-para-os-mais-pequenos>

5- Ópera "Frankenstein" em Bruxelas

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-12-Opera-Frankenstein-em-Bruxelas>

6- Peça "Niet Hebben" no teatro Luís de Camões em Lisboa

<https://sicnoticias.pt/programas/cartaz/2019-03-12-Niet-Hebben-esta-em-cena-no-LU.CA-em-Belem>

7- Duas óperas de Olga Roriz no CCB

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-06-CCB-recebe-operas-de-Olga-Roriz>

8- Espetáculo "A História do Hip-Hop Tuga" na Altice Arena

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-03-05-Esta-sexta-feira-a-Altice-Arena-recebe-Hip-Hop-Tuga>

9- Estreia d'O Filme Lego 2", junket com os atores portugueses

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-28-Universo-LEGO-regressa-aos-cinemas>

10- Conferência de Imprensa da Arcomadrid

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-22-A-Arcomadrid-vai-decorrer-entre-27-de-fevereiro-e-3-de-marco>

11- Exposição dos Estúdios Aardman no Festival "A Monstra"

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-19-Festival-de-animacao-A-Monstra-counta-com-exposicao-dos-estudios-Aardman>

12- Lançamento do primeiro álbum de Mishlawi

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-08-Mishlawi-edita-primeiro-disco-da-carreira>

13- "Hamlet(a)" interpretado só por mulheres no Teatro da Comuna

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-02-07-Hamlet-de-Shakespeare-so-com-mulheres-em-palco-para-ver-no-Teatro-da-Comuna>

14- "Hamlet" de novo no Chapitô

<https://sicnoticias.pt/cultura/2019-01-30-Hamlet-de-regresso-ao-Chapito>

## **ANEXO B: ENTREVISTAS**

### **Editora de Cultura - Graça Costa Pereira**

#### **1- Há quanto tempo estás na SIC?**

**Graça Costa Pereira** - Eu entrei na SIC no ano 2000, ainda não tinha aberto a SIC Notícias, portanto eu vim para fazer parte da equipa fundadora da SIC notícias que abriu no dia 8 de janeiro de 2001 e sou editora de cultura desde 1 de janeiro de 2005.

#### **2- Então não estiveste sempre na editoria de cultura, até ires para lá, onde é que estiveste?**

**GCP**- Primeiro fiz parte de um grupo, de uma equipa que se chamava na altura, era uma espécie de uma espécie de novidade em Portugal que eram os produtores editoriais. Que basicamente são, era um modelo baseado nos Estados Unidos em que o produtor editorial é um jornalista que também... Que faz produção, não é? E que está no terreno e que, portanto cria tudo para que depois basicamente o pivô seja a última pessoa a fazer a concretização do trabalho. Mas fiz parte de uma data de equipas, no início fiz parte da equipa da Edição da Manhã, da Edição da Noite sobretudo. Sou fundadora do "Cartaz", ou seja, o "Cartaz" começou por ser uma coisa de seis minutos que fazia parte da Edição da Noite à meia noite.

Então não comecei logo na Cultura, comecei a trabalhar nas editorias, comecei por fazer parte, por fazer produção editorial na Edição da Manhã, na Edição da Noite, quer dizer estou a dizer que não foi logo na Cultura mas não é bem verdade porque eu comecei a trabalhar também com o programa "Sociedade das Belas Artes" que era um programa de Cultura que era na altura apresentado pela Bárbara Guimarães, mas eu estava também envolvida no resto da informação e depois, para aí em dois mil e três desafiaram-me a fazer um bloco chamado "Cartaz" na Edição da Noite, o que significa que era uma coisa que dava depois da meia noite, em direto, na altura era apresentado pela Sofia Cerveira, portanto nota-se aqui uma evolução até no modelo e na forma porque, se pensares que as apresentadoras na Cultura eram a Bárbara, a Sofia, que não eram jornalistas,

portanto era dar ali um toque de entretenimento na antena. Sendo que no caso da Sofia, o modelo do programa era muito mais jornalismo puro e duro e portanto eu fazia parte, eu criei, enfim, criei esse programa que era uma coisa minimalista que começou com seis minutos e, de repente, começou a crescer até se tornar um programa isolado, já não me lembro depois exatamente quando é que isso aconteceu mas, na verdade, hoje em dia, o "Cartaz" é uma imagem de marca da SIC Notícias e da SIC, é provavelmente o programa de Cultura no ar, todos os dias, sem interrupção, há mais tempo. Eu digo provavelmente porque não quero estar a dizer nenhuma barbaridade, mas ele está no ar desde dois mil e três, neste momento tem edições diárias.

### **3- Porquê tão pouco tempo, digamos são quinze minutos, começou por ser seis, era ainda menos, mas porquê só quinze minutos num programa de Cultura?**

**GCP-** Eu acho que a pergunta está ao contrário porque na verdade a Cultura sempre foi tida... vamos lá ver, eu sou a primeira editora de Cultura que a SIC tem até, e não é um elogio a mim própria, estamos a falar de a SIC nasce em noventa e dois, só em dois mil e cinco é que sente necessidade de ter uma equipa de Cultura e uma editoria de Cultura e eu sou convidada para coordenar essa equipa, portanto é uma conquista que se foi fazendo e essa conquista é uma conquista global, ou seja, não estamos só a falar no tempo de um programa de Cultura mas sim na forma como a Cultura tem importância nos alinhamentos dos jornais e durante muito tempo, em todos os canais, a Cultura era uma coisa pontual e onde às vezes lá se ia fazer um evento, um festival, um artista qualquer reconhecido que estivesse cá, mas não era uma coisa que tivesse continuidade e, eu não acho, hoje em dia, nós não temos só doze minutos de Cultura porque nós temos em direto, normalmente todos os dias da semana fazemos ali às duas e meia da tarde cerca de dezassete/dezoito minutos em direto, gravamos um programa de doze que passa à uma e meia da manhã todos os dias, temos um "Cartaz" que é gravado para o fim de semana que são dez minutos e que passa várias vezes sábado e domingo, na SIC temos uma coisa chamada "Cartaz Cultural" que são trinta e cinco minutos semanalmente e temos nos jornais, sobretudo no "Jornal da Noite" uma presença praticamente diária na Cultura, portanto, na verdade, apesar de eu não estar inteiramente satisfeita, porque obviamente se eu estivesse não estava cá a fazer nada, mas houve um... é um

crescendo e é, necessidade cria necessidade, ou seja, antigamente a minha luta era "Epa tenho aqui esta peça para o 'Jornal da Noite'" e hoje em dia é "Graça o que é que tu tens para o 'Jornal da Noite' de hoje?".

#### **4- Quais foram as principais mudanças no programa (Cartaz) e mesmo na equipa com a mudança da SIC de Carnaxide para Paço de Arcos?**

**GCP-** Foram duas fundamentais. A primeira, o facto de podermos ter aqui um estúdio que nos permite ter convidados. Nós já estávamos a fazer o programa em direto em Carnaxide, que obviamente tem muito mais impacto para o público e que nos permite fazer coisas com maior atualidade, dar resposta rápida a coisas que acontecem e que nós depois não temos de ter o problema de "gravámos às três e meia e vai para o ar à uma e meia da manhã, e se desatualiza?", portanto este programa em direto permite-nos ter essa atualidade sem medos. O que é que aqui acrescentou? A possibilidade de ter um convidado e, portanto, termos todos os dias, é raro não termos alguém em estúdio para falar sobre qualquer coisa que ou seja importante editorialmente e, portanto, reforçamos apesar de já termos feito uma peça ou de ainda irmos fazer uma peça e, também, para darmos oportunidade a temas que não seriam tratados ou abordados se não fosse através de um convidado, ou porque não acontecem aqui à porta de Lisboa, ou porque não há ensaios, ou porque não têm imagens suficientes para nós podermos captar, portanto essa foi uma das coisas. A outra foi a aposta no online. Nós passámos a fazer uma série de trabalhos em conjunto com a SIC Notícias Online e nós agora, sou eu que edito a página da Cultura e obviamente isto é uma pescadinha de rabo na boca não é? Nós estamos ainda, parecendo que não só passaram, enfim, seis meses e, na verdade, ainda há muita coisa para fazer mas pelo menos é uma coisa que está a dar frutos e está a dar bons resultados, quer a aposta no convidado, quer a aposta no online.

#### **5- Tens visto, ao longo destes anos, muitas alterações no espaço dado ao Cinema?**

**GCP-** No espaço dado ao cinema depende. O cinema e a música são muito privilegiados em televisão, porque são os que mais facilmente têm imagens, são aqueles que têm também mais público e, portanto, em termos de assunto *mainstream* é muito mais apetecível do que se for uma peça de teatro ou uma exposição, estou a falar em termos daquilo que é "comprável" em termos jornalísticos pelo público e, felizmente ou infelizmente, é factual, as pessoas

respondem muito bem quer ao cinema, quer à música. Nós sempre demos na SIC Notícias, o João Lopes é nosso colaborador desde sempre. Ele também tinha um espacinho em direto, todas as semanas, na Edição da Noite e depois, na verdade, no nosso caso, ele ganhou um programa, ganhou um espaço no online, ele neste momento escreve semanalmente um artigo para o online e depois dá "uma achega" mais quando publicamos o programa na internet. De resto, nos jornais, nós temos muitas vezes e, eu diria até semanalmente, espaço para o cinema. Temos outra vantagem, somos muitas vezes convidados para fazer entrevistas, que mais ninguém faz, ou então entrevistas com atores e realizadores, com protagonistas que para o público são interessantes e que não estão acessíveis para toda a gente.

**6- Porquê um programa (Cartaz Cinema) dedicado apenas ao Cinema e não um dedicado a outro género da cultura?**

**GCP-** Porque nós temos uma equipa de cinco pessoas e temos de fazer escolhas. Às vezes há coisas que se fazem, no jornalismo, que são escolhas editoriais mas que muitas vezes são pressionadas por tudo aquilo que envolve o trabalho que não é necessariamente só o jornalístico, não é? A velha frase do "não se fazem omeletes sem ovos". A vantagem em relação a um programa, para além do João Lopes ser uma pessoa que sabe do que fala e isso também é importante, termos alguém que sabe do que fala, eu consigo ilustrar um programa do João Lopes sem precisar de mais do que uma produtora. Se eu tivesse um programa sobre teatro, nós obrigatoriamente teríamos de ir buscar imagens de ensaios de teatro, se eu tivesse, enfim, um programa sobre música poderia eventualmente resolver com videoclipes, mas no fundo era baralhar e voltar a dar, porque no fundo, também, eu tenho a possibilidade de, quer no "Cartaz" em direto, quer, por exemplo, nos Cartazes de fim de semana, que também são de entrevista, eu dar palco, digamos, a outras áreas, enquanto o João é um bocadinho... já faz parte de nós e, portanto, o João ter o seu espaço e ser uma pessoa que toda a gente reconhece como conhecendo e sabendo do que está a falar, para nós também é muito importante isso, porque nos dá uma garantia de credibilidade.

**7- Qual é o critério, no que toca ao Cinema, para a escolha de filmes, atores, realizadores e prémios a ser falados?**

**GCP-** No caso do João Lopes a escolha é dele, é como se fosse um programa de autor porque é um programa em que ele é o crítico de cinema, ponto. Nos

restantes casos, depende. Eu tenho um princípio de tentar fazer todos os filmes portugueses, o mais possível, enfim, às vezes se forem coisas de estudantes ou isso, obviamente é ouro território, mas coisas que vão para sala, eu tento sempre dar protagonismo aos filmes portugueses independentemente se é o meu gosto ou não, isso aí não interessa absolutamente nada, aliás isso é válido obviamente para os outros também. Nos outros filmes, depende, às vezes, do material que nos é dado e isso é um problema nos filmes portugueses, porque nem sempre temos material suficiente para fazer peças mais compostas, enquanto eu, vamos imaginar, tenho agora a estreia d'O Rei Leão", por exemplo, nós já fomos convidados para ir fazer entrevistas com uma parte da equipa do filme original, que faremos, vai haver aqui o que se chama *junket* com os atores que vão dar a voz às personagens na versão dobrada e vou ter, de certeza, acesso a clipes, além do *trailer*, muitas vezes tenho acesso a coisas de bastidores e, portanto, quanto mais material eu tiver, mais depressa eu digo vamos fazer peça sobre isto e, obviamente também, se o filme, temos noção do que é que pode ser um filme, sei lá, se estreia um "Star Wars" eu não posso falhar, portanto, são coisas que também é quase uma obrigação editorial e deixa-nos margem para fazer um bocadinho de tudo, no fundo.

**8- Quais são as principais diferenças, se existirem, já falaste aqui que houve uma aposta no online depois da mudança de instalações, quais é que são as principais diferenças entre o que vai para o ar no programa e aquilo que vai para o site da Sic Notícias?**

**GCP-** Por enquanto são poucas, essa é uma das coisas que eu gostaria que mudasse, porque, por enquanto, ainda é um bocadinho *copy-paste*, digamos assim, que é pôr as nossas peças, há este extra do João fazer o artigo de opinião específico só para o online. Eu estou a tentar, e estamos a fazer isso nalguns casos, imagina, tens uma entrevista com um artista que durou quinze minutos e tem coisas ótimas, a peça só consegue ter dois minutos e, portanto, tens um TH de um artista que tem trinta segundos, então fazer o resto para o online, isso nós já estamos a fazer nalguns casos. Ainda agora, este fim de semana, até nem foi uma jornalista que normalmente faz Cultura, foi a Carla Castelo, sobre Mafra património da humanidade, ela tinha uma boa entrevista com o diretor do Palácio de Mafra, então ela pôs boa parte da entrevista no site e que não estava, obviamente, na peça. Outra coisa é, por exemplo, fazer fotografias de *making of*,

de como é que foi no terreno para associar à reportagem em si e, por fim, é um objetivo que eu não sei se vou conseguir concretizar em breve, mas temos isso em mente, que é fazer pequenos programas especificamente para o online, a pensar só no online e que não vão para televisão, mas isso requer pessoas e meios técnicos que é passo a passo.

### **9- E para finalizar, qual é para ti o papel do jornalismo cultural?**

**GCP-** Eu acho que é fundamental porque, primeiro é útil e eu acho que há um lado de... nós não queremos ser, os jornalistas não são professores nem são educadores, não é isso e não deve ser isso, mas é importante que possamos dar às pessoas um naipe de escolhas para elas saberem que existe e poderem dizer se querem ou não querem conhecer de uma forma mais pormenorizada. É uma área que, apesar de ser das mais penalizadas, até em termos de Orçamento de Estado e de isso sempre ter sido assim, é uma área que dá emprego a imensas pessoas, é uma área que em termos de turismo tem imenso potencial e é uma área que tem um potencial de crescimento gigante e, na verdade tem crescido, porque se nós formos ver, até podemos sair de Lisboa, numa agenda cultural de algumas cidades do país, a oferta numa mesma noite, não conseguiríamos fazer tudo numa semana. Numa semana não conseguiríamos ir a todas as coisas que acontecem naquela localidade. A quantidade de festivais que neste momento há em Portugal, de tudo, porque, depois obviamente também há os critérios de quase tudo poder ser um festival mas, ainda assim, os festivais que há em várias áreas, de cinema, de música, que implicam artes e dança, sei lá, com uma panóplia de oferta, também a pensar que uma pessoa que goste só de uma coisa pode até vir a conhecer as outras e achar interessante, portanto nós não podemos não mostrar o que se está a passar no país e no país está a passar-se muita coisa em termos culturais. Por isso eu acho que o nosso papel é fundamental, deixou de ser um papel de adereço, a Cultura deixou de ser só uma coisa muita gira e que é só o "finzinho" do jornal, ok quase sempre continuamos no fim do jornal exceto quando há uma morte de uma pessoa muito importante ou então como ainda este fim de semana que a questão do património da humanidade abriu os jornais na SIC e na SIC Notícias, mas a Cultura não é e não pode ser vista como uma coisa menor. Nós não falámos aqui numa coisa muito importante que eu não referi nestes temas todos, que é muito difícil de tratar em termos televisivos, que é a literatura e que eu acho fundamental também, mas lá está, um dos meus



sonhos, enquanto editora é ter um programa de livros, é dedicar mais tempo aos livros, só que eu tenho um critério, para mim e para a minha equipa, que é nós falarmos o mais possível sobre as coisas que conhecemos e que sabemos do que é que estamos a falar, ou seja, se eu tiver um programa de livros, eu não vou estar a falar com um autor sem ter lido aquele livro que ele está a publicar naquela altura, portanto é uma área difícil. É uma área que muita gente pensa que qualquer um faz, que é só ir a um concerto e fazer um vídeo, que é só dizer umas banalidades sobre artistas, mas é uma área que requer algum conhecimento e até alguma inteligência para fazer ver que há coisas para lá do óbvio, ainda que muitas vezes o que fazemos também seja, ou aparente ser, óbvio. Mas isto também, uma das coisas que às vezes eu pergunto em entrevistas com atores e realizadores, nomeadamente não portugueses, eles falam muito de uma questão que é, isto é entretenimento e, portanto, não estamos aqui para ensinar ninguém, para educar ninguém, no fundo nós também temos este papel de as pessoas sentirem que existe uma espécie de luz ao fundo do túnel no fim do jornal, ok é uma coisa positiva, é uma coisa que nós podemos fazer para aproveitarmos um bocadinho mais os nossos dias, mas que também, na maior parte dos casos, e muito, cada vez mais, no cinema, na literatura e até na música, nos faz refletir sobre os problemas que atravessamos e, se calhar, olhar para eles de uma forma que nunca olharíamos ou nunca pensaríamos neles se não fosse através da Cultura.

## **Jornalista da Equipa de Cultura- Iryna Shev**

### **1 - Há quanto tempo estás na SIC?**

Estou na SIC há dois anos, mas no grupo Impresa há cinco e meio.

### **2 - Sempre estiveste na editoria de cultura?**

Não, comecei por trabalhar nas redes sociais da SIC.

### **3 - Quais as principais mudanças no programa (Cartaz) e no teu trabalho depois de a SIC ter mudado para Paço de Arcos?**

No programa temos mais entrevistas em direto. No meu trabalho não notei grandes alterações.

### **4 - Quais são as principais diferenças, se existirem, entre o que vai para o ar no programa e aquilo que vai para o site da Sic Notícias?**

Daquilo que sei, tudo o que está no programa, vai para o site da SIC Notícias.

### **5 - Tens visto, ao longo deste tempo, muitas alterações no espaço dado ao Cinema?**

Não me tenho apercebido de grandes alterações.

### **6 - Achas que há uma boa cobertura no que toca ao cinema nacional?**

Acho que fazemos os possíveis para ter a maior cobertura possível do cinema nacional, mas o trabalho da nossa equipa envolve muitas outras áreas culturais.

### **7 - Qual é para ti o papel do jornalismo cultural?**

Como qualquer tipo de jornalismo, o cultural procura informar os leitores, os ouvintes ou os telespectadores. O nosso papel enquanto jornalistas é sermos uma espécie de filtro entre todo o barulho de informação que existe e aquilo que realmente merece a atenção das pessoas. Como consequência dos tempos modernos em que a rapidez é o vetor que guia a maioria, acho que o nosso papel é cada vez mais importante e mais exigente.

### **8 - Achas que o jornalismo cultural, em especial o de cinema, é valorizado o suficiente comparando com outras áreas do jornalismo (Política, Desporto, etc...)?**

Acho que é muito valorizado pelos telespectadores, mas talvez não tanto pela redação que, às vezes, olha para o jornalismo cultural como o “irmão mais novo”.

### **9 - O que achas que tem de mudar no panorama do jornalismo cultural?**

O mesmo que tem de mudar em todo o tipo de jornalismo: a pressa. Fazer jornalismo para o momento não vai sustentar a sociedade do futuro. Somos o pilar da democracia e temos de ter tempo para sermos rigorosos, para investigarmos as histórias até ao fim, para refletirmos nas consequências do que fazemos. No geral, e como consequência das redes sociais e de tudo o que adveio delas, acho que nos estamos a transformar em máquinas de produção em massa, e é isso que temos que enfrentar.